



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

BÁRBARA REBOUÇAS ALENCAR

SER-COM NO VOLUNTARIADO: O CUIDAR NA PERSPECTIVA DA
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Manaus
2015

BÁRBARA REBOUÇAS ALENCAR

**SER-COM NO VOLUNTARIADO: O CUIDAR NA PERSPECTIVA DA
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Dissertação de Mestrado em Psicologia para a
obtenção de título de Mestre em Psicologia,
Universidade Federal do Amazonas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado
em Psicologia.

Orientador: Professor Doutor Ewerton Helder Bentes de Castro

Manaus

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Alencar, Bárbara Rebouças.

Ser-com no Voluntariado: O Cuidar na Perspectiva da Fenomenologia Existencial; Manaus, 2015.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Professor Doutor Ewerthon Helder Bentes de Castro.

Palavras Chaves: 1) Voluntariado; 2) Cuidar; 3) Cuidado; 4) Ser-Com; 5) Psicologia Fenomenológica-Existencial.

BÁRBARA REBOUÇAS ALENCAR

**SER-COM NO VOLUNTARIADO: O CUIDAR NA PERSPECTIVA DA
FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Dissertação de Mestrado em Psicologia para a obtenção de título de Mestre em Psicologia,
Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado
em Psicologia.

Banca Examinadora:

Professor Doutor Ewerton Helder Bentes de Castro – UFAM

Professora Doutora Iolete Ribeiro da Silva – UFAM

Professor Doutor Tommy Akira Goto – UFU

Conceito: _____

Manaus, 24 de novembro de 2015.

Dedico esta dissertação à minha filha Ana Beatriz

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por toda saúde, perseverança e toda garra para exercer o meu amor à Psicologia.

A todos os voluntários que fizeram parte da pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Ewerton Helder, por sempre acreditar em mim e me apoiar ao longo da trajetória acadêmica e profissional.

À minha família, que tanto me incentivou e acreditou.

Aos meus amigos de caminhada, por tantos momentos e aprendizados juntos.

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Marcos 12,31 - Bíblia Sagrada

RESUMO

O voluntariado tem recebido especial atenção desde 2001, quando a Organização das Nações Unidas instituiu como o ano do voluntariado. A adesão dessa prática aumentou em organizações, eventos, atos e/ou trabalhos independentes. O referencial teórico na Psicologia a respeito do voluntariado é escasso e se mantém em explicar a prática sempre vinculada à saúde e com o foco na pessoa que recebe o ato e não no voluntário. Desse modo, o intuito do presente estudo se fez em contribuir e principalmente compreender uma faceta do voluntariado: o cuidado na perspectiva do voluntário. Busquei encontrar os sentidos que os sujeitos protagonistas do voluntariado dão ao cuidado no ato voluntário espontâneo e que independe de um público só. Foram realizadas entrevistas áudio gravadas com onze pessoas que têm o voluntariado como uma prática comum em suas vidas a partir das questões “Como o voluntariado entrou na sua vida? / O que é cuidar para você?”. A partir dos desdobramentos das questões disparadoras, pretendi compreender os sentidos e significados do cuidar nessa prática, bem como, o Ser-Com do voluntário nessa relação. Com a finalidade de contribuir para a literatura transmitindo a partir dos discursos, a importância do voluntariado e do cuidado para os diferentes mecanismos pessoais e relacionais, a partir dos resultados, foram construídas as categorias temáticas: "Temporalizando", "Ser-No-Mundo-Sendo-Voluntário: A Vivência Do Cuidado E Do Cuidar", "A dimensão do Voluntariado", "Resignificando" e "Ser-Voluntário". Todas com subcategorias que foram submetidas a Análise Compreensiva, sob a luz da Fenomenologia- Existencial de Martin Heidegger. Os voluntários trouxeram como sentido principal a vontade de fazer o bem ao outro e a necessidade pessoal de cuidar e doar-se a outra pessoa, sem outro ganho, expondo desse modo, a experiência do cuidado e sua forma mais essencial.

Palavras-chave: Voluntariado; Cuidar; Cuidado; Ser-Com; Psicologia Fenomenológica-Existencial.

ABSTRACT

Volunteering has received special attention since 2001, when the United Nations imposed as the year of volunteering . The membership of this practice has increased in organizations, events, acts and/or independent work. The theoretical framework in psychology on volunteering is scarce and remains in explaining the practice linked to health and always with the focus on the person receiving the act and not the volunteer. This study pretended to contribute and mainly comprise a facet of the volunteer: "care" from the perspective of the volunteer. I intend to find the meanings that actors give to the voluntary in spontaneous way and voluntary act that is independent of an audience only . Audio recorded interviews with eleven people who have volunteering as a common practice in their lives from the questions " How volunteering entered your life? / What is the meaning of care for you?" . From the consequences of triggering questions, I wanted to understand the meanings of care in this practice as well, Being - With the volunteer in this relationship . In order to contribute to the literature by transmitting from the speeches, the importance of volunteering and caring for different personal and relational mechanisms, by the results, categories were built: "Temporalizing", "Be-in-the-world-being-volunteer: the experience of caring and care", "The volunteer dimension", "Resignifying" and "Be-Volunteer". All with subcategories that were submitted to Comprehensive Analysis , in light of Existential - Phenomenology of Martin Heidegger. Volunteers brought as the main sense of desire to do good to each other and the personal need to care for and give themselves to the other person, with no other gain, thereby exposing the experience of care and its most essential form.

Keywords: Volunteering; caring; care; Being-With; Existential-phenomenological psychology

SUMÁRIO

	PRÉ-REFLEXIVO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1	O VOLUNTARIADO	13
2.1.1	Histórico: Do marco religioso ao político	14
2.1.2	Um outro pensar sobre o Voluntariado	17
2.2	SER-COM, CUIDADO, FENOMENOLOGIA	19
3	TRAJETÓRIA METOLÓGICA	24
4	RESULTADOS	32
5	SÍNTESE COMPREENSIVA	47
6	ANÁLISE COMPREENSIVA A PARTIR DA TEORIA DE MARTIN HEIDEGGER	50
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
	REFERÊNCIAS	62
	ANEXOS	65

PRÉ-REFLEXIVO

O trabalho é caracterizado, em geral, por ganhos materiais e simbólicos, os quais constituem uma parte da vida de uma pessoa. E quando esse trabalho é de forma voluntária?

Definido em lei como atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, o voluntariado vem recebendo cada vez mais atenção dos diferentes setores organizados da sociedade, suscitando um interesse renovado por discussões de caráter acadêmico e científico (Domeneghetti, 2001 apud MONIZ&ARAÚJO, 2006).

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2001) a atividade voluntária não inclui benefícios financeiros e atendendo à livre e espontânea vontade de cada um dos indivíduos, trazendo vantagens a terceiros e ao próprio voluntário.

Dessa forma, o voluntariado exerce papel fundamental no funcionamento social, uma vez que, tem diferentes facetas e diferentes formas de atuação. O voluntário pode atuar em prol de interesses pessoais, profissionais, ideológicos, responsabilidade social ou decisões judiciais.

Dentre as facetas do voluntariado, vale ressaltar que minha pretensão na busca da compreensão do cuidado, foi ao voluntário que atua de forma espontânea, pois, dessa forma poderia visualizar melhor a essência dessa ação.

O trabalho voluntário espontâneo sempre me representou o melhor das pessoas, o essencial que vai além de ganhos concretos, deixando assim, o campo simbólico riquíssimo de conteúdos para a Psicologia estudar. Como inquietação, buscar saber o que mobiliza alguém a fazer algo desprendido de retornos materiais tão comuns à cultura do capital, e se há alguma percepção de solidariedade que se faz maior que o lucro.

Sempre realizei trabalhos voluntários e por experiência pessoal, carregando sentidos e representações diversos a respeito do voluntariado e sinto a necessidade de buscar entender conteúdos dessas pessoas que trabalham de forma voluntária a partir do arcabouço teórico que a fenomenologia existencial proporciona.

Como lidar com a ideia do voluntariado em uma sociedade regida pelo ganho material? Com a pretensão de compreender o cuidado na vivência do voluntariado a partir dos significados dados pelos próprios voluntários, alguns questionamentos me surgem, como:

Qual seria o sentido do ser-voluntário e como se deu a trajetória do ser-voluntário? O que seria o cuidar no voluntariado?

Holanda (2011) afirma que o cuidar remete ao conhecimento da essência múltipla da alma. O que seria a essência do cuidar no voluntariado se faz o maior questionamento; permeando a intenção de compreender o que é o cuidar e como se manifesta no exercício do voluntariado.

A literatura brasileira a respeito do voluntariado encontra-se vinculada às práticas de saúde e também organizacionais, mantendo focos de atuação e não direcionado à essência. De modo que essa pesquisa pode contribuir para desvincular a prática voluntária retratada nas produções científicas apenas no âmbito da saúde, mas contribuir para esse olhar sob a perspectiva fenomenológica do cuidado contido no ato.

Diante do exposto, essa pesquisa se configura nesse sentido, em buscar a partir dos significados que os voluntários têm do cuidar no ato do voluntariado. Compreender a vivência do cuidar no voluntariado, a partir da perspectiva da Psicologia Fenomenológico-Existencial, sob a luz de Martin Heidegger, foi o objetivo.

A vivência, a história e as motivações dos voluntários a respeito dos seus fazeres através dos discursos foram mais bem compreendidas à luz da fenomenologia.

Viver de amor é dar sem medida

Sem na terra salário reclamar

Ah! sem contar eu me dou, pois, convencida

De que quem ama não sabe calcular.

Santa Terezinha de Jesus - [Fragmento] Viver de Amor

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O VOLUNTARIADO

O voluntariado consiste em grande parte, em atos de ajudar pessoas por meio de bens concretos como dinheiro, roupas, comida, etc. A filosofia que permeia quase todos os aspectos do voluntariado é o desejo humano de ajudar outras pessoas sem a exigência de benefícios pessoais (Organização das Nações Unidas).

Tem sido definido o trabalho voluntário como sendo qualquer atividade onde a pessoa oferta, livremente, o seu tempo para beneficiar outras pessoas, grupos ou organizações, sem retribuição monetária. Pode compreender uma faixa estreita ou ampla de ações, podendo incluir desde tarefas efetuadas para/com organizações – trabalho voluntário formal – como também ajuda a um vizinho ou familiar, ou ação isolada– trabalho voluntário informal.

Sendo assim, o voluntário é aquele indivíduo que se oferece para prestar um serviço, por vontade própria, a partir de suas inquietações pelos problemas sociais, sem receber remuneração econômica para isso.

A lógica capitalista norteada pelas regras do livre mercado, pela busca incessante da obtenção de vantagens pessoais pela acumulação de bens, não privilegia o cuidado com a vida, o bem comum e a solidariedade (SIQUEIRA, 2002).

Assim, a pessoa humana, a fauna, flora perdem seus valores intrínsecos e transformam-se em produtos a serem comercializados, a serem dotados de valores concretos, de moeda, capital. A lógica de mercado orienta-se pela competição e não pela cooperação.

Com essa realidade, as indagações poderiam ser também nesse sentido: o que isso tem a ver com os cuidados com o ser humano? (SIQUEIRA, 2002). Como falar do cuidado com o outro ou com o meio, que se desprende dessa lógica? Como falar em voluntariado?

O voluntariado pode ser distinguido em informal e formal. Sendo o informal caracterizado por comportamentos como ajudar os vizinhos, idosos ou outros grupos. O voluntariado formal caracteriza-se por comportamentos semelhantes de ajuda e cooperação, mas que se enquadram no âmbito de uma organização, empresa ou instituição (FERREIRA, PROENÇA & PROENÇA, 2008).

A história do voluntariado confunde-se com a própria história das ações dos indivíduos em relação aos seus semelhantes. Hudson (1999) considera essa história sob a ótica de todo um segmento dedicado a causas sociais.

Dentre os conceitos de voluntariado, preciso destacar que apesar das concepções gerais serem mais voltadas à lógica do trabalho, ou, as concepções de caridade ou filantropia, não partem de um conceito específico. O voluntariado que busquei foi o voluntariado exercido de forma espontânea e desvinculado de patrocínio ou política. Dessa forma, correspondendo então à noção fenomenológica da vivência que é única para cada pessoa.

2.1.1 Histórico: Do marco religioso ao político

Desde tempos mais remotos era o grupo familiar que cuidava dos membros pequenos, enfermos, deficientes, velhos, viúvos e órfãos. O crescimento das primeiras vilas e cidades e o movimento das pessoas para longe de suas famílias, exigiu novas formas de auxílio social.

Kisnerman (1983) denomina como trabalho social o interesse do homem por seus semelhantes e afirma que com o Cristianismo a caridade ganhou maior significado. Essa ideia de salvação pelas obras que os homens realizam durante sua vida é básica para entender as origens do voluntariado.

Hudson (1999) traz que as primeiras igrejas cristãs criaram fundos para apoio às pessoas à margem das sociedades; os fiéis deveriam levar donativos, voluntariamente, que eram colocados na mesa do Senhor para que os necessitados pudessem recebê-los das mãos de Deus.

Segundo Mestriner (2011) na caridade ou beneficência cristã, o amor ao próximo e a assistência ao necessitado têm por fundamento o amor de Deus. A filantropia relaciona-se ao amor do homem pelo ser humano e pela humanidade. No sentido mais amplo da palavra, constitui-se no sentimento, na preocupação do favorecido com o outro que nada tem, portanto, no gesto voluntarista, sem intenção de lucro.

Há uma lógica de sustentação do voluntariado que não depende da função exercida, mas de convicções religiosas. Um dos elementos-chave de manutenção do voluntariado seria a concretização do amor ao próximo e o ascetismo religioso. Nessa perspectiva, o voluntariado leva materialidade ao amor, pois o amor está na ação dirigida ao outro (CALDANA&FIGUEIREDO, 2008).

Mestriner (2011) pontua que no campo filosófico, a filantropia se constitui como o altruísmo e a comiseração, que levam a um voluntarismo que não se realiza no estatuto jurídico, mas no caráter da relação. Dessa forma, a atuação voluntária podendo se manifestar

alheia às obrigações e/ou necessidades políticas. Esse caráter de relação constitui um dos grandes marcos relevantes para a realização da presente pesquisa.

De acordo com Souza (2012), no Brasil, o voluntariado teve marco inicial seguindo o funcionamento cristão com a fundação da Santa Casa de Misericórdia em Vila Santos, Capitania de São Vicente em 1543, seguindo a ideia das práticas voluntárias ligadas aos valores religiosos. A população abastada financiava locais e instituições dedicadas à caridade.

De fato a influência do cristianismo no fortalecimento das ações voluntárias foi mais significativa principalmente no período histórico de domínio da filosofia cristã, período este, também contribuinte para a construção de uma ideologia de ajuda ao próximo, para obter a salvação, ou qualquer recompensa simbólica divina.

É salutar considerar que o voluntariado a partir dessa filosofia cristã, foi consolidado como prática comum, e esteve presente na ordem de funcionamento social, e apenas posteriormente, com as mudanças socioeconômicas que a prática do voluntariado se desvinculou do conceito de ser apenas caridade. A prática do voluntariado pode ser encontrada em diversas áreas, como organizações, instituições de saúde, asilares, educacionais e organizações não governamentais.

Ao Estado, enquanto detentor do dever de proteção civil, cabe a solução das carências sociais, bem como a luta pelo coletivo. Conforme Silva (2000) o Estado surge da necessidade de administrar os negócios de interesse público e mediar possíveis conflitos de interesses entre classes sociais.

Desse modo, o Estado é ampliado para incorporar além da sociedade política, a sociedade civil, a fim de manter o consenso a partir de seus mecanismos de hegemonia(CORREIA, 2004).

A participação do Estado e na assistência social veio da tentativa de resolver problemas sociais consequentes da II Guerra Mundial, uma vez que foi o chamado para a participação ativa na economia e adoção de um sistema público de proteção social (DUPAS, 2003).

O Estado capitalista do pós-guerra foi chamado de Estado de Bem- Estar Social, o qual foi constituído sobre os pilares do pleno emprego, de serviços sociais universais e da proteção social básica garantida. O governo passa a ser então, responsável pela garantia de um mínimo padrão de vida a todos os cidadãos como direito social. Deste modo precisou ser desenvolvida uma gama de atividades regulamentadoras, incluindo medidas fiscais e de

intervenções, desde leis trabalhistas até a garantia de acesso do cidadão comum a benefícios e serviços de natureza pública (PEREIRA, 1998).

As ações assistencialistas eram ligadas ao Estado e ao longo da história, as ações voluntárias foram exercidas também em caráter político e social, saindo um pouco da exclusiva prática religiosa.

O trabalho voluntário recebeu, além do incentivo por parte das empresas, cada vez mais notoriedade na mídia, sendo que o número de voluntários tem aumentado exponencialmente (LANDIM e SCALON, 2000). As pessoas que, por qualquer motivo, querem ajudar encontram um canal para isso.

Com as grandes mudanças sócio-históricas, econômicas e legais, influenciadas pelas correntes ideológicas e filosóficas, o respeito pela vida do próximo –por obrigação moral ou cristã –se solidifica e se torna possível verificar uma ética para com a vida. Não se pode olvidar de considerar as mudanças nos instrumentos e tecnologia, que influenciaram também nas mudanças de valores.

O Estado, então, lidava com o voluntariado pautando-se no princípio da subsidiariedade por meio de certificados, subvenções e convênios. Atitude esta necessária devido à necessidade de políticas públicas que estimulassem a participação ativa da sociedade como responsáveis por seu próprio desenvolvimento (SOUZA, 2012).

Mestriner (2011) afirma que a assistência social pública se voltou historicamente para a introdução de mecanismos de apoio às organizações, e não diretamente à população. Assistência Social Pública agindo como uma ferramenta do Estado, o que demonstra muito bem essa necessidade de corresponsabilidade entre Estado e sociedade civil.

Com o recorte realizado no social, a partir da cultura do capital principalmente na década de 80, nas esferas de: Primeiro Setor (Estado), Segundo Setor (O Mercado) e Terceiro Setor (Sociedade Civil), o Voluntariado permaneceu sob uma forma de funcionamento social isolada. Como se o "político" pertencesse à esfera estatal, o "econômico" âmbito do mercado e o "social" remetesse apenas à sociedade civil, num conceito reducionista (MONTAÑO, 2010).

De acordo com Souza (2012), nesse momento histórico do início da década de 80, o voluntariado ficou associado a interesses políticos, de modo que, a maioria das ações eram vinculadas a Organizações Não Governamentais (ONGs) ou empresas privadas como uma espécie de corresponsabilidade entre as instituições e o Estado.

É difícil definir o voluntariado como pura ação de doação de tempo, sabedoria e trabalho apenas pela lógica cristã, mas também não se pode defini-lo como total partidário e com fundo político.

A realidade é que as ações voluntárias têm motivações variadas, seja de ordem filantrópica, religiosa, caridade, ocupacional ou política. Na busca de literatura é possível identificar uma tentativa constante de enquadrar o voluntariado em alguma esfera, arriscando até a reduzir um fenômeno pelo simples fato de não o compreendê-lo em totalidade.

2.1.2 Um outro pensar sobre o Voluntariado

Não é claro o caráter da relação entre o Estado e as organizações filantrópicas ou sem fins lucrativos. Estabelece-se nesta área uma complexa relação, que acaba escamoteando o dever do Estado e subordinando a atenção à benesse do setor privado (MESTRINER, 2011).

O Estado com o dever de cuidar da sociedade, terceiriza esse cuidado a partir dos convênios e isenção de impostos, deixando ao setor privado esse cargo. Setor este, que articula e financia ações pelo ganho secundário da economia promissora. Montañó (2010) mostra que no ano de 2000, a renúncia fiscal para pessoa jurídica que declarou envolvimento com entidade filantrópica foi de quase 26 milhões de reais.

Daí vemos o *descuido* nos aspectos sociais e ambientais, como um grande ciclo. O cuidado com o outro ou com o meio ambiente é feito por iniciativas que não tem o cuidado como finalidade.

Boff (2014) ao pontuar os sintomas dessa crise contemporânea, traz que com a queda do socialismo real e a entrada do funcionamento de capital, o mundo entrou em um estado difuso (já alvo de muitas análises) de mal-estar da civilização. Com isso o *descuido* e o *descaso* com vários âmbitos da vida humana, fazem com que um princípio de autodestruição entre em ação.

Boff (2014) aponta para a necessidade de se falar sobre cuidado, mas antes, a urgência em resgatar alguns valores, uma vez que com a configuração social contemporânea, "menospreza-se a tradição de solidariedade e faz-se pouco dos ideais de liberdade e de dignidade para todos os seres humanos" (p.19).

O pensamento de valoração pela vida deve-se às mudanças socioeconômicas, tecnológicas, científicas e ambientais. De acordo com Fernandes (2009), o conceito de dignidade humana perpassou por filosofias distintas, até se consolidar pelo pensamento de

Kant, em que a dignidade humana se edifica a partir da razão e por sua vez autonomia, se formando um sujeito moral, participativo e responsável, que ostenta uma dignidade intrínseca.

O conceito de dignidade humana na ideia de Kant vem através dessa separação entre as coisas (dotadas de valor econômico ou afetivo) e os seres humanos (que não são dotados de preço). Essa noção, como pontua Fernandes (2009), se desdobra em uma ética do dever, segundo a qual: "todo ser humano tem um direito legítimo ao respeito de seus semelhantes e está, por sua vez, obrigado a respeitar todos os demais" (KANT, 2003 *apud* FERNANDES, 2009).

Conforme as palavras de Pessini (2008), com a revolução bio-tecno-científica, a bioética vem como marco reflexivo e crítico necessário aos valores humanos e proteção à vida e meio ambiente.

As questões originais da bioética se expandiram para problemas relacionados com os valores das diversas profissões da saúde, tais como medicina, enfermagem, saúde pública, saúde mental, entre outros. Com o passar dos anos um grande número de temas sociais foi introduzido na abrangência temática da bioética tais como, saúde pública, alocação de recursos em saúde, saúde da mulher, questão populacional e ecologia, desenvolvimento sustentável, entre outros (PESSINI, 2008).

A bioética tem, de uma certa maneira, a solidariedade como um de seus valores, que é adequado a uma bioética que pretende incorporar o paradigma da responsabilidade. A solidariedade como valor que direciona pessoas em suas condutas, defende a formação e a difusão de uma cultura democrática. E tal ideia implica na tolerância, no respeito e na diversidade e reconhecimento da dignidade de todo ser humano (SELLI, 2004).

Será que as ideias de dignidade humana acompanham o funcionamento social? Como falar de voluntariado nessa configuração social? Diante da impossibilidade de concentrar esse fenômeno em algo passível de explicação, primeiramente é necessário compreender que o voluntariado permanece como prática comum, seja qual for a motivação.

Há um grande movimento voluntário no Brasil, formado por grupos e instituições distintas. Estima-se que hoje, no Brasil, existam cerca de 400 mil ONGs registradas e cerca de 4 mil fundações. Já a atividade voluntária reúne no Brasil 16% da população acima de 18 anos (MONTAÑO, 2010).

Movimento este que vai de encontro com a ideia de que essas ações são ora de fundamentos políticos ora religiosos. Nessa impossibilidade de definir entre uma coisa ou outra, a bioética ganha força com o valor pela vida do próximo e do meio ambiente. Em 2001

- ano internacional do voluntariado considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS)
- a atividade voluntária e a busca pela justiça social são consideradas como o marco da solidariedade, o intuito de legitimar o interesse pelo próximo (SELLI, 2004).

2.2 SER-COM, CUIDADO, FENOMENOLOGIA

O cuidar e o cuidado aparecem inevitavelmente ao se falar em voluntariado. A Fenomenologia abraça o cuidado como um empenho cuidadoso do pensar, e não somente quer falar sobre o cuidado, mas quer, antes, falar a partir do cuidado e com o devido cuidado. (FERNANDES, 2011)

É preciso então, pensar o cuidado para que se consiga como Heidegger (1995, apud FERNANDES, 2011) postula, se ater ao fenômeno, ir às coisas mesmas, que significa retornar onde elas são vividas e onde elas cobram sentido para a vida e para a existência. Ir às coisas mesmas é não aceitar os encobrimentos e esquecimentos que vêm com as coisas já construídas (JOSGRILBERG, 2004), ou seja, é buscar o mais essencial, o mais puro, aquilo que não sofreu interferência do mundo.

Desse modo, ao assumir o propósito de ir às coisas mesmas, o pensar torna-se investigação, pois, o pensamento vai atrás da coisa que o provoca a pensar, expondo-se à ela, confrontando-a (FERNANDES, 2011). A conduta investigativa é sempre necessária, uma vez que a coisa mesma que se busca será única e diferente em cada pessoa.

Como Fernandes (2011) traz, pensar exige concentração da mente, a atenção ao que se mostra a recepção do que se doa. Pensar, mais do que qualquer outro empenho, requer cuidado e a tarefa do pensar fenomenológico é trazer à fala como se dá.

O cuidado vigora antes, como o modo de ser (FERNANDES, 2011), que se encontra atuante em todo e qualquer comportamento humano. Todo e qualquer comportamento humano é cuidado e se cumpre como cuidado. É no cuidado que irrompemos para o existir, é nele que somos gerados como ser-no-mundo, é nele que nos formamos e nos constituímos como o ser que somos (MARTINS, 2011).

Boemer (2011) ao falar sobre o cuidar na enfermagem afirma que é possível compreender o doente em seu sendo-doente e, para tanto, é preciso percorrer o caminho da intersubjetividade, entendendo suas vivências acessando o Ser que existe anteriormente aos sinais e sintomas ou para além deles. É existindo que a compreensão de faz possível.

Mas a fenomenologia não é idealismo transcendental. Seu destino é existencial, portanto, a fenomenologia é o contato com os paradoxos da facticidade. Não é, então, possível ver a essência como objeto, e é um grande engano pensar a essência desvinculada do mundo: "a fenomenologia recoloca a essência na existência" (MOREIRA, 2004).

Heidegger usa a palavra existência para designar o caráter único do ser humano de ser uma abertura para o mundo e que só se expressa como existência a partir dessa abertura (BOEMER, 2011).

A pessoa que tem o voluntariado como parte constitutiva de sua vida é um exemplo desse cuidado - e por que não, existência - que vigora como um modo de ser-no-mundo. Em sendo-voluntário, é que se faz possível compreender esse modo de existir no mundo.

Heidegger propõe-se a tratar da questão do sentido do Ser, ou seja, buscar a noção de homem em sua singularidade a partir do que chamou de Dasein (pre-sença) que, como totalidade estrutural, se mostra na cotidianidade mediana, imprópria e impessoal, porém sempre como abertura para possibilidades de outras formas de vir a ser-no-mundo. "Ser-no-mundo é morar no mundo", e não estar tenuamente ligado a ele. "Ser", para Heidegger é ser as próprias possibilidades: é fazer-se ser (CASTRO, 2009).

Heidegger (2012) traz que a pre-sença é de tal modo que, sendo, realiza a compreensão de algo como ser. E que o tempo é o de onde a presença em geral compreende e interpreta implicitamente o ser. É sendo-voluntário que a compreensão do voluntariado se constitui.

Ser, para Heidegger, é a maneira como algo se torna presente, manifesto, percebido, compreendido e finalmente conhecido para o ser humano, designado por ele de ser-aí ou ser-no-mundo (SALES, 2008).

No ato voluntário, o cuidar é experienciado de forma singular por cada sujeito. O ser-voluntário por si só constitui um ser-aí. O Ser-aí é um ser de possibilidades, é sempre aquilo que pode ser (CASTRO, 2009). A constituição do ser-aí real só é real por ser experienciado de certa maneira: há uma realidade que se abre para uma emoção e uma emoção que se esculpe numa realidade. A existência ativa.

Mas para que essa compreensão se manifeste, é necessário abertura para tal. E o ser só pode ser compreendido, sempre e cada vez, na perspectiva do tempo (HEIDEGGER, 2012)

O ser da pre-sença tem seu sentido na temporalidade. Esta, por sua vez, é também condição de possibilidade da historicidade enquanto um modo de ser temporal da própria presença (HEIDEGGER, 2012). Sendo assim, temporalizar faz com que o voluntário entre em

contato com a própria historicidade e dessa forma, traga no discurso, aspectos constitutivos do seu próprio ser-no-mundo.

Desse modo, é possível então compreender o voluntário em seu sendo-voluntário, mas antes, compreender o cuidado no ser-com-os-outros no voluntariado. No ato direto do cuidar, o humano está sempre presente e os significados atribuídos às coisas são os mediadores dessa relação e é por ela, pelo outro, que é possível a constituição de ser-no-mundo.

A origem dos significados não se acha fora da pessoa, mas na convivência e na intersubjetividade que se volta para o mundo e a vida como horizontes. Os sentidos mais fundamentais das coisas e da própria existência só são dados pela existência enquanto ser no mundo com os outros (JOSGRILBERG 2004).

A nossa existência é sempre ser-com-o-outro, e ao mesmo tempo, estaremos sempre buscando por nosso ser singular e autêntico. Ser-com-os-outros é um constitutivo fundamental do existir humano e, como tal, pode se dar de várias formas: somos-uns-com-os-outros amando, odiando, guerreando, cuidando, descuidando, educando, desprezando, promovendo. Somos seres existentes no mundo com os outros, em todas as formas de ser-com (BOEMER, 2011).

Para Heidegger (2012), a pre-sença é em si mesma, essencialmente ser-com. E o ser-com determina existencialmente a presença, mesmo quando um outro não é, de fato, dado ou percebido.

De fato, ser-com implica em não apenas fazer com os outros, mas também através e por eles, já que, ao preocupar-se com possibilidades de outros, o ser-aí realiza também suas possibilidades (MORATO, 2013). O voluntário no seu ser-aí, é para si mesmo e para os outro, aparece em seu estado de aberto em seu próprio ser-no-mundo: compreendendo o outro, sabe de si mesmo através do outro em seu mundo.

De acordo com Morato (2013), compreende-se o outro como se foi por ele afetado, dada a condição de ser-com de a compreensão ser originariamente afetiva e acontecer no encontro. É a partir da condição de ser-voluntário em seu sendo-voluntário que será possível sua compreensão de ser-com no voluntariado.

A presença do outro deve ser entendida não somente como todo o resto dos demais além de mim. Os outros, ao contrário, são aqueles dos quais, na maior parte das vezes, não se consegue propriamente diferenciar, são aqueles entre os quais também se está (HEIDEGGER, 2012).

Não existe, de tal forma, um ser-com dissociado de um ser-no-mundo. Essa condição de ser-com se dá à base desse ser-no-mundo determinado pelo *com*, o mundo é sempre o mundo compartilhado pelos outros. O mundo da presença é *mundo compartilhado*. (HEIDEGGER, 2012). Essa copresença entre o eu e o voluntariado faz com que o voluntário se perceba em si mesmo, mas antes disso, se constitua em sendo-voluntário.

Nessa relação de ser-com os outros, posterior à constituição de si, é que o outro se faz presente e também, ausente. Ser-com o outro é uma extensão de ser-no-mundo. Somente *num* ser-com e *para* um ser-com é que o outro pode faltar (HEIDEGGER, 2012).

O voluntariado é regado por significados diversos atribuídos às mais diferentes causas: seja de origem religiosa, corporativa, por ordem jurídica, independente ou em atos isolados a pessoas, natureza, animais ou estágio.

De qualquer modo, no voluntariado se faz presente o cuidado, uma vez que se trata de uma doação de si. Ainda conforme Boemer (2011), cuidar vai além e não envolve apenas buscar dados para elucidar soluções, mas sim uma aproximação que ajude a compreender o sujeito nas suas facetas diversas.

Falar do cuidado e de cuidar é dar conta da consideração da diversidade e passa pela consideração do outro. Cuidar do ser é cuidar do outro (HOLANDA, 2011) e remete ao conhecimento da "essência múltipla da alma", uma vez que a fenomenologia por ser uma possibilidade, carece de ser cuidada, nas possibilidades do pensar (MARTINS, 2011)

Waldow (1998) põe que o cuidar constantemente aparece como imaginar, causar inquietação, atentar-se, tratar, pensar. Pensar o cuidado no voluntariado retoma a coisa do pensamento fenomenológico, que é aquilo que a provoca pensar. A coisa do cuidado que incita o ato voluntário é ir às coisas mesmas do ser-com no voluntariado, de modo que, a busca pela compreensão do fenômeno se faz mais significativa que a explicação do mesmo.

Cuidar envolve atos humanos no processo de assistir a pessoa, dotado de sentimento e fundamentado em conhecimento. A arte de cuidar é ligar-se à sua fonte de vida, a seu sofrimento, encontrando sentido para sua experiência (CARVALHO, 2003). É, portanto, através da experiência que a compreensão do fenômeno do cuidado é possível.

Se o que você faz não puder ser chamado de ciência, de acordo com o que a palavra ciência significa hoje, isso tornar menor ou menos valioso o que você faz?

Por que? Você acredita que a ciência é o único caminho? Você faz fenomenologia, e esse é, simplesmente, um outro caminho.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A fim de compreender como se estabelece a vivência do cuidar e cuidado na ação voluntária e do voluntariado, bem como os sentidos existentes no discurso, considerando a teoria da Psicologia Fenomenológico-Existencial, utilizei-me da abordagem qualitativa em pesquisa, a qual, conforme Andrade & Holanda (2010), preenche um espaço que a pesquisa quantitativa não alcança: a interlocução com o humano.

Como afirmam Martins & Bicudo (2005), a pesquisa qualitativa trabalha com o fenômeno, o qual significa mostrar-se a si mesmo, ou ainda, aquilo que se mostra ou se manifesta. A pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular daquilo que estuda e, ainda conforme os autores, ela não se preocupa com generalizações, princípios e leis, mas com o específico, o peculiar, almejando assim, a compreensão e não a explicação.

Os lugares ocupados pela pesquisa qualitativa permitem a busca pela subjetividade que se apresenta como um conjunto de processos que mudam face o contexto em que se expressa o sujeito (Gonzalez Rey, 2002 *apud* ANDRADE & HOLANDA, 2010).

Isso se justifica porque, a forma como os dados são coletados na pesquisa qualitativa é através da comunicação entre sujeito e participante e o tratamento dos dados é pela interpretação. A pesquisa qualitativa é considerada então, descritiva. (MARTINS & BICUDO, 2005).

Desse modo, a partir de uma questão inicial, ou curiosidade foi possível planejar estratégias para a trajetória de estudo. Entretanto, questões metodológicas foram consideradas no que se refere aos procedimentos da pesquisa: o modo de coletar de dados, análise de tais dados e a apresentação os resultados, que dependeram do embasamento teórico apropriado para o estudo.

Por pretender obter os significados da vivência, buscar informações junto às pessoas, já que a vivência não encerra o sentido em si mesma, mas adquire um significado único, optei então pelo método fenomenológico, o qual me possibilitou investigar a vivência do cuidar no voluntariado nas diferentes situações e tempo, para assim me aproximar da compreensão das pessoas participantes. Para compreender o sentido e o significado do cuidar no voluntariado presentes no discurso dos sujeitos, utilizei-me então da fenomenologia hermenêutica desenvolvida por Martin Heidegger.

A Fenomenologia é um método de acesso à realidade concreta do mundo e a pesquisa fenomenológica, uma pesquisa de natureza e que pretende dar conta do que acontece pelo clareamento do fenômeno (Amatuzzi, 2001).

Husserl ao elaborar o método fenomenológico pretendeu estabelecer um método rigoroso para as ciências humanas mostrando que a objetividade não era uma categoria que independia da subjetividade, mas que se organizava através dela.

Assim, todo conhecimento é, portanto um processo de relação constitutiva sujeito-objeto, de tal forma que o mundo está constantemente constituindo o sujeito e este elaborando o mundo, o que Heidegger (2002, p 89) sintetizou na expressão: “consciência e mundo dão-se num só e mesmo ato”. Traça, dessa forma, uma perspectiva relacional e constitutiva do homem e do mundo (LAPORTE e VOLPE, 2009).

A finalidade do método fenomenológico é descrever a estrutura total da experiência vivida, os significados que a experiência tem para os sujeitos que a vivenciam. A fenomenologia utiliza a observação atenta para descrever os dados como eles se apresentam e preocupa-se com a compreensão do fenômeno, não com a sua explicação (MARTINS, 1992).

A metodologia fenomenológica de pesquisa em psicologia sofre variações, segundo o pensamento filosófico que a sustenta (MOREIRA, 2004). De acordo com Valle e Vendruscolo (1996), este método pretende ir ao sujeito que vivencia a situação a ser investigada.

Dentro dessa pesquisa, a percepção da vivência através do discurso do voluntário e a partir da convergência das unidades de significado, culminou com a revelação do fenômeno no momento vivido, e conseqüentemente, sua compreensão.

Vale ressaltar que o discurso apresenta a situação vivida no determinado espaço de tempo, e não diz respeito ao fenômeno total, mas sim a experiência que este representa ao sujeito. No percurso da análise, sob a lente da Fenomenologia Existencial é possível assumir o lugar de mensageiro do discurso do sujeito, num processo mútuo de corresponder e des-prender, tal como entendido por Heidegger em sua perspectiva ontológica (CASTRO, 2009).

O método fenomenológico começa com uma descrição de uma situação vivida no cotidiano, partindo de uma posição anterior à do pensamento reflexivo, chamado de pré-reflexivo, que consiste na “volta às coisas mesmas”. A entrevista fornece depoimentos sobre aquilo que está diante dos seus olhos, tal como aparece e neste momento, é importante e necessária a atitude fenomenológica de quem ouve, a fim de permitir abertura para viver a

experiência na sua totalidade tentando isolar todo e qualquer julgamento que interfira na sua abertura para a descrição (SADALA, 2001)

Ainda de acordo com Sadala (2001), a posição fenomenológica implica em diante do fenômeno, suspender qualquer julgamento e abandonar os pressupostos a respeito deste e dirigir-se para o fenômeno da experiência em sua forma pura, aberta e livre das especificidades e pré-conceitos.

Ao fazer este movimento, coloquei o fenômeno em *epoché*, em suspensão de julgamentos próprios, o que significa dizer que busquei evitar a atribuição de sentidos apresentados nos discursos, a partir de minha vivência cotidiana, de meus valores, da minha visão de mundo. E seguindo as orientações de Martins&Bicudo (2005), para conseguir revelar o campo da experiência dos sujeitos, foi preciso que eu eliminasse todo tipo de idealizações e generalizações envolvidas na atividade lógica, uma vez que nenhum aspecto se apresentou como algo isolado, mas vinculado à experiência daquela pessoa entrevistada.

Os sujeitos através dos discursos me possibilitaram entrar em contato com o vivido, os significados que eles atribuem ao ser-voluntário - enfatizando ao momento da entrevista - ao cuidado no voluntariado. Pelo método fenomenológico, concordando com Laporte e Volpe (2009), pela descrição do fenômeno vivido pude buscar o *eidós*, isto é, o invariante através de vários passos denominados reduções, que são suspensões estratégicas que visam o conhecimento do fenômeno tal qual se apresenta à consciência.

O fenômeno primeiramente chegou à consciência individual psicológica que ainda não o percebe em seu invariante porque nele projetou suas próprias características. Assim, a primeira redução incidu sobre o objeto empírico e sobre a consciência empírica suspendendo-os, pondo-os momentaneamente entre *parentheses*, ao mesmo tempo em que entrelaçou intencionalidade e mundo em seu constituir-se mútuo.

Em seguida, a redução foi feita do sentido constituído do objeto, que implicou em uma suspensão das afirmações do senso comum e também do sentido que lhe foi conferido pela história, filosofia e ciência. Essa redução pretende um espaço de revelação do fenômeno independente dos entulhos culturais que viciam sua percepção. A redução é e foi um processo necessário para chegar “à coisa mesma”, isto é, à relação original e fundante do conhecimento, onde o fenômeno se apresentou eivado de consciência e a consciência eivada de fenômeno.

Para Laporte e Volpe (2009) é um buscar a verdade sob a forma de *Alethea* cujo significado consiste em desvelar, descobrir, desvendar. Assim, *Alethea* exprime o sentido

ontológico da verdade, a manifestação incessante do fenômeno à consciência, de tal forma que não há uma verdade acabada, absoluta, mas um desvelar constante do fenômeno porque a compreensão do ser não se dá de uma vez por todas, mas ocorre no tempo. Importante também ressaltar que ao falar sobre o vivido, os sujeitos vivenciaram novamente o fenômeno e os espaços, os quais o fenômeno e a experiência do voluntariado se manifestaram e manifestam.

Temporalidade e espacialidade se conjugam em situações culturais e sociais específicas, possibilitando leituras dos fenômenos que, entretanto, não o esgotam. Logo, conforme Martins & Bicudo (2005) por mais que a partir do discurso, tenham sido desveladas algumas características, outras por sua vez, continuaram ocultas; o fenômeno não se esgotou e por isso que a pesquisa necessita continuar. É preciso voltar a falar do cuidado dentro do voluntariado.

Existe, portanto, uma dialética entre o velar e o desvelar, o que é manifestado em uma cultura pode não o ser em outra, bem como uma pessoa manifestará características diferentes de outras a respeito do mesmo fenômeno. A Fenomenologia considera a intencionalidade da consciência, a direção da consciência para compreender o mundo, pois, está sempre voltada a ele (MARTINS, *apud* SADALA, 2001).

A consciência, mediante a intencionalidade, é compreendida como atribuidora do significado para os objetos, de modo que, se os voluntários não direcionassem suas respectivas consciências intencionalmente para o cuidar, não alcançaria os significados atribuídos por eles. E sem estes significados, não poderia falar nem de objeto nem de essência do objeto.

Através da entrevista fenomenológica, pude entrar em contato com a experiência de cada participante, assim como, pude compreender como os voluntários vivenciam o mundo, mas principalmente o voluntariado e o cuidado, cada um à sua maneira. Sendo desse modo, um fenômeno apresentado de várias maneiras, mas singular para cada um dos voluntários.

Na trajetória da presente pesquisa, a fim de encontrar os sentidos e significados como pressupõe o método fenomenológico, foram considerados 11 participantes, independente da idade ou gênero, residentes na cidade de Manaus e indicados pelas instituições a que foram vinculadas ao trabalho voluntário.

As entrevistas foram realizadas nos locais acordados com os representantes responsáveis das plataformas de voluntariado SALAADA SOLIDÁRIO e PROJETO TCHIBUM, nas datas e horários previamente acordados com os participantes.

Os grupos foram escolhidos devido ao caráter de ambos estarem desvinculados patrocínios empresariais, políticos ou vinculados a uma pessoa jurídica. São grupos que iniciaram de uma vontade de ajudar o outro.

O PROJETO TCHIBUM, iniciou com as ações isoladas em um hospital infantil, mas que ao longo do trabalho, foi recebendo convites para outros hospitais, e também para ações fora dos hospitais, com outras demandas.

A dimensão deste grupo foi tanta, que atualmente trata-se de um grupo organizado em coordenações direcionadas aos diferentes públicos, como hospitais infantis, casa do idoso, ações comunitárias, suporte em comunicação e capacitação em recursos humanos.

O SALAADA SOLIDÁRIO iniciou a partir de uma necessidade de ter alguém para manejar e articular doações, e no acaso, a responsabilidade de tomar para si esse papel de mediador das ações. A partir daí um grupo de amigos até hoje se articulam, fazem todos os papéis administrativos e executam as ações contando com a boa vontade de todos e a doação dos demais voluntários.

Para a obtenção das entrevistas, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o objetivo do estudo e a importância de sua participação e contribuição para a realização dessa busca. Enfatizei que não utilizaria de questionários e sim uma entrevista a partir de uma questão norteadora que poderia sofrer possíveis desdobramentos. E dessa forma colocar-me na condição de ouvinte, intervindo quando necessário com o objetivo de esclarecer, informar ou facilitar as expressões dos participantes.

As entrevistas iniciaram a partir da seguinte questão norteadora: “*O que o(a) levou a realizar o trabalho voluntário?*” / “*Como o trabalho voluntário entrou na sua vida?*”. A questão sofreu desdobramentos, tais como: “O que o(a) trouxe a trabalhar nesta instituição e com estas pessoas? Qual seria sua recompensa neste trabalho voluntário? O que se mostra como maior desafio no dia-a-dia voluntário? O que significa cuidar, na sua concepção?”. Tudo com o intuito de melhor compreender e desvelar o fenômeno do cuidar.

Após as entrevistas realizei as transcrições para fins de análise, mas antes, para melhor organização e compreensão, tive como base as orientações de Martins e Bicudo (2005). A transcrição na íntegra de cada entrevista tem o propósito de preservar a forma como o sujeito expôs sua vivência.

Primeiramente realizei uma leitura prévia das entrevistas com a finalidade de compreensão da linguagem, para me familiarizar com o dito, sem a intenção de interpretação.

De acordo com Valle (1997), a descrição fenomenológica deve retratar e expressar a

experiência consciente do sujeito e, portanto, deve ser considerada rigorosamente na sua forma original, na linguagem espontânea do sujeito. Como forma de resguardar as identidades.

A releitura foi o passo seguinte, já com a intenção de encontrar as unidades de significados, as unidades que convergem entre os discursos, a fim de fechar a partir daí, as categorias temáticas sobre o fenômeno do cuidar no voluntariado.

Essas categorias de análise que possibilitaram a visualização do fenômeno e a sua apreensão e posterior análise a partir dos pressupostos do método fenomenológico em Martin Heidegger.

A minha escolha por Martin Heidegger se deve ao fato de a palavra fenomenologia exprimir a máxima: "Para as coisas elas mesmas!" - por oposição às construções soltas no ar, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudoquestões que se apresentam, muitas vezes, como "problemas" ao longo de muitas gerações (HEIDEGGER, 2012).

A pesquisa levou em consideração todos os parâmetros da Resolução CNS 196/96 que rege acerca de pesquisas com seres humanos. O projeto de pesquisa foi submetido ao pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM após a submissão na Plataforma Brasil do Conselho Nacional de Pesquisa – CONEP. Salvaguardo, que os/as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (ANEXO), consentindo estarem cientes dos objetivos da pesquisa e autorizando a áudio-gravação das entrevistas.

A inclusão dos sujeitos na pesquisa seguiu os critérios por mim definidos: que fossem maiores de idade, podendo ser de ambos os sexos, que se encontrassem vinculados a um grupo ou instituição trabalhando e/ou realizando atos de forma. Todos que aceitassem participar da pesquisa deveriam ter a capacidade de comunicação. Como critérios de exclusão de participação foi preciso apenas não responder aos critérios de inclusão, bem como os que desistam de participar no decorrer da pesquisa.

Cada participante me deu um nome de clown (palhaço) utilizado nos ambientes voluntários, seja nos hospitais, nas ações em comunidades aleatórias, ou até mesmo nas ações e eventos com idosos.

Para os que não me deram uma preferência de nome, seja por não terem ou por me deixarem escolher, pesquisei o nome de clowns clássicos para atribuir aos que não tinham. Desse modo, os nomes dos participantes estão vinculados aos nomes utilizados nas ações, ou aos nomes de clowns clássicos. Temos como participantes os seguintes nomes: Pierrot,

Colombina, Branco, Dr X-Salada, Dra Babi, Dra Minnie, Dra Chocolate, Margarina, Tuza, Solto.

Considerando riscos e benefícios, na presente pesquisa enfatizo que os benefícios foram significativos de tal modo que os riscos foram inexistentes. Cada participante narrou suas experiências e trajetória, bem como suas atribuições ao que lhes era entendido como cuidar no voluntariado.

Dessa forma, pude compreender que esse é um fenômeno inesgotável, pois, tal como diz Heidegger (2012) *"a interpretação que se segue só poderá fornecer alguns fragmentos"*. Falar do cuidado no voluntariado ainda requer mais escutas a fim de buscar outros sentidos.

Para que as luzes do outro sejam percebidas por mim devo por bem apagar as minhas, no sentido de me tornar disponível para o outro.

Mia Couto

4 RESULTADOS

Martins & Bicudo (2005) ao sintetizarem condutas para a realização da análise dos dados, me trazem a imersão empática (*Einfühlung*) no mundo da descrição, usando a descrição da vivência do voluntário para acessar seu mundo. Também pontuam que não posso passar por cima dos pormenores da descrição como se já houvessem sido compreendidos – é preciso a permanência na descrição.

Cada sentido trazido foi considerado uma vez que o momento da entrevista foi o que propiciou a temporalização e posterior vivência do fenômeno descrito no discurso, mas principalmente o sentido carregado por aquela pessoa sobre o cuidar e o voluntariado. Com as orientações de Martins & Bicudo (2005), a passagem dos objetos de estudo para os significados dos mesmo é fundamental para o desenvolvimento da análise dos dados, uma vez que, enquanto pesquisadora, precisarei estar voltada não para a realidade do voluntário, mas para os significados produzidos pelos sujeitos a partir do voluntariado.

Considerando o objetivo da pesquisa, a compreensão do vivido a partir do discurso dos participantes e o método utilizado, o fenomenológico, a análise dos dados foi efetivada a partir dos pressupostos da Psicologia Fenomenológico-Existencial. As categorias temáticas e suas subcategorias referentes são:

1. Primeira categoria: "TEMPORALIZANDO". Subcategorias: "O início de tudo", "Grupalidade" e "O porvir sendo-voluntário"
2. Segunda categoria: "SER-NO-MUNDO-SENDO-VOLUNTÁRIO: A VIVÊNCIA DO CUIDADO E DO CUIDAR". Subcategorias: "O cuidado", "Redimensionando o cuidado", "A compreensão do ser-com"
3. Terceira categoria: "A DIMENSÃO DO VOLUNTARIADO". Subcategorias: "Concepção do voluntariado: O que é ser-voluntário", "O retorno", "Por um mundo melhor", "Enfrentamentos no ser-voluntário", "O voluntariado como um chamado",
4. Quarta categoria: "RESIGNIFICANDO". Subcategorias: "Resignificação do cuidar: O Mundo Circundante Ao Voluntário", "Resignificação de si: O Mundo Próprio" e "Resignificação do outro: Mundo Humano".

1) TEMPORALIZANDO

De maneira diferente, por inspirações, acasos, iniciativas, situações metamórficas, cheias de sentidos e diversos percalços, cada participante trouxe o início de tudo: a pergunta que lhes foi feita e o sim ao voluntariado.

A experiência do voluntariado veio por vias distintas, dentre elas a prática familiar, religiosa, a iniciativa própria vinda da curiosidade, da vontade ou a própria experiência de procurar uma via de doação ao próximo e ser lançado ao mundo voluntário.

[...] os meus pais sempre, desde muito pequena, a gente começou a fazer coisas voltadas por outras pessoas. Então eu sempre tive exemplos muito práticos dentro de casa tanto da minha mãe, quanto do meu pai (*Margarina*)

- **O Início De Tudo**

Dra. Babi iniciou no voluntariado como prática a partir de uma promessa para si mesma "*se eu passasse no vestibular eu ia ter que recompensar de alguma forma, e a recompensa seria fazer trabalho voluntário*". Ao tempo que *Dra Minnie* me trouxe o término de um relacionamento como disparador da entrada no voluntariado.

eu comecei a sentir necessidade de fazer alguma coisa, eu comecei a pensar que eu terminei o namoro mas eu tenho isso, tenho aquilo, dá pra viver, não é o fim do mundo, eu preciso fazer alguma coisa pra, pra ajudar alguém.

Dra Minnie relatou ainda sobre sua experiência religiosa, em que há a incompletude da prática em si, como um fator determinante para a procura de uma ação voluntária voltada para o outro.

comecei a frequentar um grupo de jovens [...] e eu gostava muito mas eu também sentia a necessidade de fazer mais, e lá era muito do eu- pra-mim: 'ah, você faça pelo seu interior, você fique bem com você, fazer coisas pra Deus'. Aí eu: 'E qual é o momento que a gente faz pros outros? Que a gente faz pras outras pessoas?' (*Dra Minnie*)

O voluntariado veio para *Colombina* como uma herança familiar, como ela mesma traz ao dizer que ao presenciar a prática de sua mãe assistente social presenciou muitas ações

O voluntariado ele veio quase como herança pra mim. A minha mãe é assistente social, então sempre presenciei ações [...] e a minha mãe é uma pessoa que

tem o coração super mole, quando ela não conseguia pelo trabalho ela dava um jeitinho de conseguir mobilizar alguém e conseguir outras coisas praquela pessoa que tava precisando

Dra Chocolate me relatou também a sua primeira vivência do voluntariado a partir de influências de seu pai, mas enfatiza que o marco decisivo foi o primeiro dia no hospital, na lida com o outro.

foi o primeiro dia no hospital que a primeira criança que eu vi era um menininho de 2 anos que tava em coma [...]apesar de ele não me responder eu sentia que ele tava me ouvindo, aí foi como eu comecei, desde então eu não consegui mais parar (*Dra Chocolate*)

Esse sentimento que não deixa parar as atividades como voluntário vem à tona nos discursos. Ao trazerem o início de tudo, os voluntários se emocionaram, mostraram além do início do voluntariado: mostraram o início do vínculo e o sentimento de pertencimento a um grupo de pessoas iguais, que buscam as mesmas vias de acesso e cuidado para com o outro.

fui pro hospital junto com ele, e aquele dia foi um dos dias mais felizes da minha vida [...] eu olhava e falava 'Caramba, era isso! Isso que eu queria desde que eu saí da crisma', sabe? Fazer alguma coisa pelos outros (*Dra Minnie*)

Ainda consigo visualizar esse sentimento quando *Dra Babi* me mostra sua trajetória em que ela mesma vislumbra como dependência do voluntariado ao tempo que mostra a sua entrada no grupo.

Ainda sem participar de nada, indo porque eu queria conhecer e saber o que eles faziam lá, foi assim que entrou na minha vida. Eu tenho uma dependência muito grande do voluntariado, eu não consigo parar... (*Dra Babi*)

- **Grupalidade**

O grupo funciona como fonte agregadora de voluntários que tem o mesmo objetivo de realizar as ações. Os grupos estão voltados para atividades com crianças, comunidades, idosos, doações avulsas, mas sempre com o mesmo objetivo: voluntariar-se, ser disponível. Essa constatação me vem mais clara quando vislumbro a história dos grupos de voluntários pesquisados.

Margarina traz a vivência do voluntariado como uma prática comum arraigada à sua história familiar e pessoal. E, ao assistir uma reportagem dos Doutores Da Alegria (Atores

Clowns que atuam em hospitais infantis pelo Brasil), a reflexão "*poxa, como contribuir? Eu também quero contribuir*" serviu de inspiração para fundar uma plataforma de voluntariado desvinculada de governo ou outra instituição.

Eu preparei uma apresentação, mandei pra toda a minha lista de contatos do email, mandei pra todo mundo e cinco/seis pessoas toparam, me responderam dizendo que queriam, aí eu falei "beleza, eu já tenho as pessoas, agora falta um nome" (*Margarina*)

Solto, ao procurar uma via de doação para algumas coisas próprias, se deparou com pessoas também à procura, e tomou para si a função de ser uma via de acesso. A iniciativa da procura o tornou uma referência e culminou na fundação de um grupo de voluntários para ações diversas.

eu tinha algumas coisas pra doar [...] aí todo mundo "eu também tenho umas coisas em casa, se tu souber algum lugar" aí eu "agora complicou, ta todo mundo procurando o mesmo que eu e ninguém acha!" (*Solto*)

A formação dos grupos foi um marco para cada um deles, pois, o surgimento de outros integrantes ou de pessoas interessadas em algum tipo de doação, com suas histórias, coisas e inspirações, edificou a prática, tornando o voluntariado uma prática possível e uma ação não mais solitária.

começou a ter muita gente interessada com coisas em casa pra doar. Então eu passei a ser aquela pessoa que recolhia as coisas ou levava a pessoa até o local, e acabou que com isso eu fui conhecendo outros locais, fui também procurando e fui vendo outras instituições (*Solto*)

A noção do grupo vinculado ao ato voluntário aparece nos discursos de um modo geral, pois, a prática do voluntariado enquanto grupo se distingue das demais ações grupais pelo fato de estarem ligados por um bem e objetivo comum: a própria vontade de ser voluntário; e não com o propósito financeiro ou reconhecimento dos demais por suas ações.

Vem de vereador, vem patrocínio, vem tudo e a gente simplesmente não quer [...] se a gente for pra um lado que a gente precise de apoio, que a gente comece a mostrar marca de gente, ele (grupo) perde a missão que é de ajudar. Então começa a ser uma plataforma política, de repente a gente se vincula a algum partido, e isso não é o que a gente quer (*Branco*)

- **O porvir sendo-voluntário**

O voluntariado como parte do futuro. Um legado. Assim vejo na emoção dos discursos, quando cada um me traz a incapacidade de parar, mas, principalmente a projeção de aumentar suas práticas. *"Eu vou fazer que isso entre na minha vida e, da minha família enfim, da família que eu tenho e da família que eu vou criar"* disse Dra Babi, que trouxe ainda projetos que vinculam seu sustento e sua prática jurídica no futuro do grupo de voluntariado que pertence.

A perspectiva de futuro não exclui a prática do voluntariado, pelo contrário. O porvir está repleto de ações e projetos

eu me vejo futuramente gastando metade, um turno meu fazendo tratamento, indo no final de semana, fazendo palestra em instituição de saúde, fazendo qualquer coisa relacionada a minha profissão pro voluntariado (*Dra Chocolate*)

O quão bonito é ver pessoas que não pensam em deixar de pensar no outro. A vontade de transformar seus atos isolados em atos de proporções mais abrangentes é expressamente um projeto e além disso, um sonho.

o meu sonho era ter um local físico, porque hoje a maior parte do nosso trabalho é virtual, mas ter um local físico onde eu pudesse ter salas de aula, onde eu pudesse ter espaço pra esporte pra receber crianças que ficam na rua, depois que saírem da escola ficarem lá. Ter um espaço físico que oriente adultos, que receba idosos... E é uma coisa que não é impossível mas é uma coisa que requer dedicação, que requer tempo (*Margarina*)

2) SER-NO-MUNDO-SENDO-VOLUNTÁRIO: A VIVÊNCIA DO CUIDADO E DO CUIDAR

O cuidado é exposto nas ações, tanto no planejamento quanto no ato voluntário, bem como no lida com a necessidade de fazer mais. O cuidado remota ao que o voluntariado faz de melhor: olhar pro outro. E dessa forma, ser lançado a um modo-de-ser próprio, o ser-no-mundo-sendo-voluntário.

- **O cuidado**

Os participantes trazem consigo conceitos fechados sobre cuidado, e conceitos arraigados à prática voluntária, que também demonstram cuidado. Eles mostram diferentes sentidos para a percepção de cuidado.

eu vejo o cuidar como assim zelar pra que todas as nossas ações sejam feitas da melhor forma possível, desde o momento que a gente tá fechando uma lembrancinha até o que a gente vai dar pra eles (*Branco*)

Nesse sentido, o zelo prévio à ação também é ressaltado por *Colombina*, quando ela traz que *"o cuidado ele começa desde quando a gente decide ajudar alguém invés de se ajudar"*.

O cuidado que move as ações é manifesto em cada etapa, assim como surge no discurso carregado de sentimentos, sentidos e reflexões por cada um que faz parte desse universo. Cuidar do outro é estar disponível. É estar para o outro. É ser-com-o-outro. Ou seja, vai além da prática em si:

Na verdade, no final você descobre que o que eles precisam é que você esteja lá, que eles precisam é de atenção[...]já você fala assim "são pequenas coisas", não são... São pequenas pra quem vê de longe (*Solto*)

- **Redimensionando o cuidado**

Ao mesmo tempo que a experiência do cuidar e do cuidado se concretizam, há a inversão de papel entre o voluntário e aquele que recebe a ação. *"O cuidar pra mim... eu sinto mais que eles estão cuidando da gente do que a gente tá cuidando deles, sabe?"* como relata *Pierrot*

O cuidado vai além do ato. Ele aparece no momento em que o planejamento deixa de ser apenas para o outro, mas um planejamento pra si também, um cuidado voltado a si mesmo.

ai vem brinquedo quebrado, vem coisa que num presta, então assim, não adianta você dar [...] porque não vai prestar, só vai frustrar a pessoa, entendeu? Então assim, esse cuidar a gente tem de 'eu to dando uma coisa que eu gostaria também de receber', são coisas boas. (*Branco*)

A noção de cuidado como disse, muda a partir do momento que o voluntário muda. E a experiência sendo voluntário possibilita essa mudança ou pelo menos o vislumbre de tal mudança.

you see the other doing and you start to question "why do I not do?
What does he have that I do not have? Why does he help the other and I do not help? Will it be that I am so egoistic?" (*Dra Minnie*)

- **A compreensão do ser-com**

A vivência do voluntariado coloca à prova os conceitos em relação aos sentimentos direcionados aos outros, ainda que esse outro seja um total desconhecido. Ainda assim, é possível ser-com-ele. É possível vivenciar sentimentos e cuidado, tal como afirma a voluntária *Tuca*

kindness in people with whom we are doing the action, of giving hope for them, because this also means that we are doing it to care... We are caring for someone that we have never seen

A dimensão do ato voluntário em si alcança o infinito, pois, não se sabe onde pode chegar. Cada pessoa afetada por tal ato significa que o trabalho não foi em vão, como afirma *Pierrot* ao demonstrar, de forma muito feliz, que o amor dado ao próximo é a materialização do cuidado:

that child over there receiving that little bit of love will be able to grow a little different [...] because there are people who care for her, or who want to worry about her, maybe she will be able to move forward and also want to work one day, study, so that she can also help another person.

3) A DIMENSÃO DO VOLUNTARIADO

- **Concepção do voluntariado**

O voluntariado toma uma dimensão de sentido muito própria para cada participante, muito particular, de modo que a concepção do ato voluntário me vem em vieses diferentes, a depender da perspectiva e da vivência de cada um.

O voluntariado na verdade é um trabalho que leva o bem mas é tão egoísta quanto, porque eu acho que a gente ganha mais do que eles né, assim, no sentido emocional, nessa gratidão toda (*Colombina*)

Dra X-Salada já traz uma questão muito pessoal, quando relata sua dificuldade de expressão no geral e ao adentrar o voluntariado, e principalmente, ao assumir o personagem, essa dificuldade é superada. Através do voluntariado a percepção de si mesmo é apurada "*Eu acho que é uma forma de me expressar*".

A principal apropriação de voluntariado é a doação. A doação de si, doação de seu tempo, doação de trabalho, doação de bens material, etc. Tal como é possível perceber na fala do participante *Solto*

Eu acho que o voluntariado hoje é se doar, é você quebrar a sua rotina, eu acho que o mais difícil pro voluntario hoje é quebrar a rotina e algumas pessoas talvez tenham medo disso, de você sair da rotina e não ser capaz de cumprir.

A *Dra Chocolate* ainda ressalta a concepção de voluntariado como uma obrigação. Mas, uma obrigação de ser humano, em um funcionamento de ética para com o outro, de respeito com o próximo.

eu considero atualmente o voluntariado pra mim como uma obrigação, uma obrigação do ser humano [...]se ela tem condições de alguma forma de fazer qualquer tipo de coisa ela tem que fazer, é uma coisa que todo mundo deveria colocar na sua própria cabeça

- **O que é ser-voluntário**

A definição do que é ser voluntário muitas vezes veio junto com a concepção do ato voluntário. Mas no fim, o ser-voluntário acabou aparecendo como o assumir-se como tal, e de alguma forma, isso fazer parte da sua própria personalidade.

então ser voluntário acabou sendo, pra mim, doar o meu tempo. É você não só doar o seu tempo mas é você se doar de verdade pra alguma coisa, é você se dedicar e é você se inspirar e ser inspiração pra outras pessoas (*Dra Minnie*)

As facetas de como ser voluntário: seria apenas quem vai e faz, ou também existe outra forma? Encontrei significados distintos para o mesmo fazer. *Margarina* significa

qualquer ação que vá em prol de ajudar alguma pessoa, como sendo uma forma de voluntariado.

eu aprendi que o voluntariado é uma coisa que você não faz porque você realmente não quer, porque se você se disponibiliza em fazer uma ligação pra uma pessoa que pode ajudar, você já ta se voluntariando (*Margarina*)

Contudo, a *Dra Babi* não vê o voluntariado dessa forma, pois para ela é preciso a presença. É necessário o contato interpessoal, o fazer com o outro, o estar lá, ou seja, o estar-com-o-outro.

pra mim uma pessoa que doa nem voluntária ela é, porque pra mim tem que doar o tempo, você tem que ir lá. Você tem que colocar a mão na massa, entendeu? Eu só doo pras questões que eu não posso, que é impossível fisicamente. Ir lá pra África fazer trabalho voluntario não dá, então eu doo. Mas agora, agora eu vou e meto a mão na massa, eu vou lá e faço.

Há o questionamento de si sobre como é ser voluntário? O voluntariado expresso no cuidar é expresso em alguns discursos. São pessoas que não sabem exatamente como iniciar o voluntariado, mas ainda assim o fazem. E esse fazer propriamente dito, já é o cuidar. E no final, o ser-voluntário se consolida mesmo é a partir da experiência, da disponibilidade com o outro.

o porquê você talvez ainda não saiba, mas você vai descobrir. As primeiras perguntas são sempre “o que eu faço?”. Aí tá, agora eu já sei o que fazer... “como eu faço isso?” aí você começa a ir na primeira, na segunda e quando você vê você já ta no automático. Então você vai começar, você já ta fazendo do seu jeito, você se entregou. (Solto)

- **O retorno**

A questão mais levantada na bibliografia: e o ganho? Dentro de um sistema de lucros e recompensas, como lidar com o voluntariado? Um questionamento pessoal que sempre me fiz e uma das minhas maiores expectativas.

Pierrot me trouxe a analogia das felicidades vivenciadas, tanto do voluntário quanto do beneficiado da ação e percebendo nessa perspectiva, como mensurar?

eles estão rindo e a gente “cara, mas é só uma bola” e eles... “e é só um sorriso que eu tô dando cara, por que que tu tá feliz assim?”.... entendeu? É muito bonito, é muito puro e isso aí não tem preço não (*Pierrot*)

O ganho é pessoal. É simbólico e afetivo, mas principalmente no fato de estar exercendo influência, mudança, fazendo a diferença de alguma forma.

eu me arrepio todo, isso aí já é o maior presente pra mim, entendeu? é tu chegar assim, po, tu fez isso aqui só... Tu colocou uma gota no mar da pessoa, entendeu? e isso aí já fez toda a diferença pra eles (*Branco*)

E o retorno se concretiza em uma resposta ao cuidar, como diz *Solto*, a ação realizada não se limita ao ato, mas está repleta de sentimentos "*isso é uma resposta ao cuidar, ao que nós fizemos, além da ação, nós fizemos bem, nós tivemos um carinho, um cuidado, a devida atenção*".

Outro fator levantado foi a percepção de ser uma via de mudança, ser alguém que de fato vá influenciar

Reconhecimento. Existe isso. Mas existe também muito grande a satisfação pessoal de você fazer a diferença na vida de alguém. É isso que me move muito também... De eu fazer a diferença na vida de uma pessoa (*Dra Babi*)

- **O voluntariado como um chamado**

Ao se colocar na posição de responsável pelo outro, os voluntários não o fazem apenas pela ação, doação, trabalho e visitas. Eles me mostram que esse sentimento de responsabilidade pelo outro vai além do beneficiado com o voluntariado. A responsabilidade vem no sentido de ser um meio de mudança, e dessa forma assumir-se como tal

eu me sinto responsável por ser uma inspiração pra alguém [...] é minha obrigação, hoje o tchibum já é, já faz parte de mim, é o meu trabalho, trabalho voluntário é o meu trabalho, porque é a minha doação é a minha inspiração diária, então eu não sei mais não ser *grupo* entendeu? é meu, tomei pra mim, eu acho que é isso. (*Dra Minnie*)

Nesse sentido também me deparo com a vontade expressa de fazer sempre mais. A superação das próprias metas dentro do voluntariado. E o ser se expressa na unicidade: ser-voluntário é ser-no-mundo

conseguir enxergar que a gente pode ir muito mais além do que a meta que a gente coloca [...] nesses momentos, prova que a gente é capaz de muito mais, porque a gente não é só voluntário nessas ações, né? (*Tuca*)

- **Enfrentamentos no ser-voluntário**

Nos discursos, os voluntários me trouxeram diferentes formas de dificuldades no voluntariado, mas o principal, me trouxeram também as formas de enfrentamento. Mesmo quando sentiu algo parecido com parar, *Dra Chocolate* afirmou a necessidade de reajuste na sua própria rotina, mas sem desistir do voluntariado

nunca veio 'parar'... Já veio tipo, não, não é nem sentimento, veio a necessidade de me comprometer um pouco menos em certos momentos mas sempre estar lá, sempre fazendo alguma coisa, nunca, nunca parando totalmente.

Outro fator salutar é que ao tempo que o olhar pro outro fica mais apurado, com cuidado e certa empatia, esse olhar também é carregado de criticidade. *Dra Babi* me mostra uma realidade sua como uma das maiores dificuldades e que ela está em processo de enfrentamento, para superar

É, eu julgo as pessoas. Por que elas não fazem trabalho voluntário? Porque elas não fazem? E eu julgo também as pessoas que se aproveitam do meu trabalho voluntário (bate na mesa a cada palavra) pra achar que elas estão fazendo também.
(*Dra Babi*)

É contrastante o número de pessoas cadastradas nas plataformas de voluntariado e a quantidade que realmente fica. Todos os participantes me relataram situações parecidas, em que, o maior enfrentamento do voluntariado talvez seja essa questão do comprometimento que acaba ficando líquido, e impossibilitado de ser cobrado.

Lidar com falta de comprometimento... No voluntariado não existe como você cobrar a participação da pessoa. *Dra Babi*

Dra Minnie me mostra nos seus relatos a realidade de sua preocupação com as ações, o cuidado propriamente dito. E ao enfatizar que a rede de voluntários é algo flutuante e por isso a dificuldade de confiar. Apesar de serem voluntários e voltados pro mesmo propósito, ainda é preciso o vínculo de fato para a confiança de que aquele outro vai perpetuar o cuidado.

- **Por um mundo melhor**

Os voluntários são pessoas comuns, que têm emprego, família, rotinas comuns à todos. Entretanto, não posso deixar de enfatizar minha percepção: todos acreditam na humanidade. E acreditam não de forma utópica, mas, de modo que unidos possam mudar o mínimo que seja, mas que mudem alguma realidade.

eu posso dizer que hoje quem participa de qualquer trabalho voluntário que seja tem direito de dizer “eu quero um mundo melhor” o direito das pessoas de falarem essa frase pra mim só é de quem realmente contribui pra isso acontecer.
Margarina

Ao enfatizar a importância do voluntariado, *Margarina* retoma o conceito de não precisar esperar, de olhar antes pro outro, de olhar antes com a intenção própria de melhorar o mundo.

o mais importante que eu acho que a gente poderia compartilhar e contribuir pra cativar as pessoas pra fazerem é não esperar que as coisas aconteçam sendo que você agora pode fazer a sua parte.

4) RE-SIGNIFICANDO

- **Resignificação do cuidar: O Mundo Circundante Ao Voluntário**

A experiência de ser-voluntário proporciona a atribuição de significados, bem como, a resignificação de antigos pressupostos. Os voluntários trazem consigo uma certa sensibilização quanto ao mundo ao redor, carregando uma verdade: de que o voluntariado os faz enxergar "*fora das paredes*", como afirma *Margarina*

pra que praticar o voluntariado? Parar de esperar o governo e fazer a nossa parte... E qual a minha retribuição? [...] eu posso retribuir pra sociedade pra que dê certo pra outras pessoas, então eu vejo o voluntariado até como obrigação sim. Uma obrigação de retribuir pra sociedade uma oportunidade que talvez eu tenha tido e outras pessoas não tiveram, então dessa forma eu consigo também retribuir.

O viés social, da preocupação e cuidado com a sociedade vem à tona nas falas. Os voluntários me trouxeram o choque de realidade vivenciado no ato voluntário. Muitas vezes eles não tinham essa noção, alienados à uma realidade própria, mas que foi desperta no

momento em que iniciaram as atividades voluntárias. Dentre as principais mudanças, destaco as falas:

hoje eu me vejo como uma pessoa mais a par da realidade do mundo, da realidade de tudo o que ta acontecendo em volta [...] uma pessoa que consegue ver, pelo menos tentar ver o que o outro ta passando, o que o outro ta sentindo. (*Dra Chocolate*)

E ainda, a percepção mais política e social que impulsionou a atuação de *Dra Babi*

O voluntariado entrou na minha vida pela seguinte questão: eu me preocupava. Meu pai sempre me educou no sentido que existem muitos problemas no Brasil, muitas mazelas sociais, e eu ficava me deprimindo porque não podia fazer nada por isso, e aí eu comecei...

Partindo dessa questão, a *Dra Babi* ainda ressalta percepções analíticas, em que pude perceber que ser-voluntário é estar em constante análise social em prol de mudanças da sociedade, da sua própria vida, mas principalmente da vida dos outros.

a pessoa não tá ali naquela situação porque ela quer, ela foi colocada ali, ela nasceu ali, e ela nunca aprendeu a sair, é a realidade dela. E eu queria, ainda não ta sendo possível isso, mas em algum momento o *grupo* vai poder transformar de verdade a vida das pessoas.

- **Resignificação de si: O Mundo Próprio**

Pelos relatos, se faz praticamente impossível não ser afetado no voluntariado. Quem procura ser voluntário está sujeito a ser afetado. E esta é uma máxima unânime entre os participantes. Eles se percebem diferentes. Eles se percebem meios de mudança e aprendizado constante, e principalmente, melhores!

Antes eu era explosiva, eu era egoísta, eu melhorei muito, evoluí muito como ser humano [...] O voluntariado me ajudou muito nisso, me ajudou a ver que, todas essas questões sociais, porque a gente trabalha com comunidades carentes que tem pessoas que não conseguem dar outro rumo pra vida delas (*Dra Babi*)

O voluntariado proporciona humanização, como ressalta *Dra Chocolate*

eu acho que isso foi um ponto muito positivo, que melhorou, e eu sou muito mais humana agora, graças ao projeto, graças a tudo que eu vivi e que eu já presenciei. (*Dra Chocolate*)

As mudanças de si, percebendo o voluntariado como algo que vai edificar sua própria vida, nas mudanças ocasionadas e sua influência para o bem, me é explicada na fala de *Pierrot*, quando ele expressa durante a entrevista que o voluntariado vai fazer parte de sua vida.

é um algo a mais... A minha filha com 8 anos ela quer ir, quer participar também, então assim, isso não é uma coisa que vai atrapalhar na minha vida de jeito nenhum, na verdade só acrescenta e como é que eu num vou fazer algo que acrescenta, né? (*Pierrot*)

E a apropriação do voluntariado é parte da própria existência, uma das razões para viver, como afirma *Dra Babi* quando ela traz que "*ser voluntário, pra mim, de verdade é a razão da minha vida [...] já não existe a Barbara sem o voluntariado*".

- **Resignificação do outro: Mundo Humano**

Além da sociedade, além de si mesmo, o voluntariado elucida no voluntário, a percepção talvez mais importante e por vezes o meio impulsionador da continuidade das ações e do trabalho voluntário em si: o outro.

O outro que é o responsável pelo surgimento do sentimento do cuidado. O outro que está diretamente ligado ao cuidar:

então tu começa a entender, dentro do teu mundo, a função do outro, então eu acho que tem momento que o teu semelhante, o teu colega, ele começa a te ver como exemplo, e eu acho que em muitos momentos foi isso o que aconteceu comigo (*Dra Minnie*)

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar.

Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

5 SÍNTESE COMPREENSIVA

Falar sobre cuidado foi uma das escolhas mais bonitas que já fiz. Ao longo da pesquisa, pude visualizar, vivenciar e experimentar a realidade do voluntariado em toda sua dimensão: desde o planejamento das ações, a organização e logística dos materiais, as oficinas de preparação direcionadas ao público da instituição, a busca por um local e a ação propriamente dita.

Ao olhar para o voluntário, trouxe comigo talvez a parte mais afetada dentro do contexto do voluntariado. É o voluntário que é responsável pelo início de tudo. Só existem ações sejam elas ligadas ao sentimento de vontade ou a uma necessidade laboral, se existirem voluntários dispostos ao trabalho.

É o voluntário que faz acontecer toda a beleza da relação. Eu vi. A experiência do cuidado dentro do voluntariado me fez ver que a bondade e os sentimentos humanos podem ser exercidos e principalmente, que devem ser mostrados, como tentei nessa pesquisa.

Ao longo da pesquisa, no contato com os voluntários, vivenciei o antes e o depois de ações, bem como, a logística e preparo de materiais e palestras para que todos os outros voluntários cheguem na ação, no mínimo, sensibilizados com o local, instituição, público ou causa social.

Toda a experiência prévia às ações só me mostrou que o cuidado começa – se é que posso mensurar em início, meio e fim – muito antes da ação propriamente dita. A articulação dos voluntários ao conseguirem fundos, patrocínio com material, local e pessoal para dar ao restante do grupo uma capacitação de como agir, o que falar, quais sentimentos vêm à tona antes de ir a um local específico, com um público específico, só me provam que mesmo sem poder mensurar, o cuidado vem de uma ação inicial.

Ao ter a oportunidade de participar de reuniões, oficinas e ações, por convite dos próprios voluntários, para visualizar as relações e todo o jogo de sentidos e significados que os voluntários lançam e são lançados, pude entrar em contato com o cuidado com que tudo é planejado e executado.

Talvez a experiência de vivenciar esses momentos sem intenção prévia, tenha me mostrado o quanto falar do cuidado é necessário. Dentro da nossa realidade, o cuidado vem passando despercebido, as formas de cuidado não se limitam apenas ao caráter relacional, mas principalmente, aos planejamentos e antes de tudo, ao pensar. Pensar no outro, em como chegar nesse outro, no que dar para esse outro, é o cuidado na sua essência.

Falar de cuidado talvez tenha sido pretensão minha, uma vez que, cuidar é estar disponível para o outro e não tenho como mensurar ou provar que os voluntários o fazem. Mas eles fazem. E felicidade a minha por eles terem mostrado através dos seus relatos que eles pensam com cuidado, no cuidado e principalmente, pensam no outro.

Conhecer pessoas que fazem do voluntariado, uma parte de suas vidas, me mostrou a necessidade que um ser-humano tem do outro, e não vi isso sob o viés material, e sim relacional. Em que momento nos esquecemos de ser-com-o-outro? Essa foi e talvez seja a maior contribuição dessa pesquisa.

*Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro e teve uma inspiração.
Pegou no barro e começou a dar-lhe forma.
Enquanto contemplava a sua obra, apareceu Júpiter e Cuidado pediu-lhe que soprasse
espírito sobre ela. Júpiter assim fez.
Mas, quando Cuidado quis dar um nome à criatura que tinha moldado, Júpiter proibiu-o e
exigiu que fosse imposto o seu nome.
Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra.
E ela também quis conferir o seu nome à criatura, pois esta foi feita de barro, material do seu
corpo. Originou-se uma discussão generalizada.
Finalmente, de comum acordo, pediram a Saturno que fosse o árbitro nesta questão. Saturno
tomou a seguinte decisão: Tu, Júpiter, deste-lhe o espírito.
Receberás, pois, o espírito de volta por ocasião da sua morte.
Tu, Terra, deste-lhe o corpo.
Receberás, portanto, de volta o corpo quando ela morrer.
Mas, como tu, Cuidado, moldastes a criatura, ela ficará sob os teus cuidados, enquanto viver.
E ela se chamará homem, isto é, feito de húmus, que significa terra fértil.*

Parábola De Higino - O Mito do Cuidado

6 ANÁLISE COMPREENSIVA

Lances do destino. Experiências contínuas em que a presença é lançada e, com isso, *ser-no-mundo* designa abertura ao que se nos ocorre. Adentrar o voluntariado é vivenciar a esfera do Cuidado. Cuidado que determina e sustenta o nosso *ser-no-mundo*, o *ser-em* a que Heidegger (2012) se refere, uma vez que este termo significa morar, habitar, demorar-se e deter-se junto a.

E, nesta perspectiva, em sendo no mundo do voluntariado quer dizer que essa presença, continuamente, demora e se detém junto a esse mundo, inaugurando-o como o locus do próprio cuidar.

Mas, a que cuidado me refiro? Ao cuidado como modo de ser. Não designa um comportamento ou tipo de comportamento humano. Presentifica-se, como o modo de ser que encontra-se atuante em todo e qualquer comportamento humano. Assim, como ressalta o filósofo alemão, qualquer ação, reação, não-reação diante das situações que vivenciamos no cotidiano, estamos sempre, a cada momento, e sempre de novo, entregues ao cuidado.

E, deste modo, a vivência do ser-voluntário é atribuir sentidos, colocando no plural tendo em vista que, o viver as atividades do voluntariado hoje é totalmente diferente do momento em que iniciou essas tarefas. Afinal, como diz uma das voluntárias “*fui levado por minha mãe [...] mas hoje percebo que há muito a realizar*” (Margarina).

Embasar este estudo em Heidegger (2012) é compreender o homem como *Dasein* (Ser-Aí), ente que habita o aí, na abertura (*Da*), onde compreende o ser das coisas (*Sein*), propiciando condições de possibilidade para o homem ser propriamente o que é (HEIDEGGER, 2012).

Assim, realizar algo com a dimensão do ato voluntário é precipitar-se na abertura do ser ao cuidado, expresso na *afetividade*, *compreensão* e *linguagem* que o pensador alemão designa como existenciálias, aspectos da existência.

No que consiste estes termos? Em seu existir no mundo, o homem encontra-se voltado para ele de maneira afetiva, é atraído por tudo que nele existe. É o ser afetado. Ou seja, a compreensão do mundo a partir dos estados de humor.

Compreendendo que o estado de humor, enquanto abertura para o mundo, me revela o modo do ser aí nesse mundo, tendo em vista que é nessa afetividade que está de forma mais plena entregue a si mesmo como quem de fato é, e não pela ideia que tem do mundo. E considerando que a emoção, ou através dela, que o eu situa-se no mundo, compreendendo a

situação que está sendo vivenciada, os participantes são unânimes em falar acerca do quadro emocional que se estabelece ao realizarem, desde o planejamento, as atividades do voluntariado, como ilustra:

eu vejo o cuidar como assim zelar pra que todas as nossas ações sejam feitas da melhor forma possível, desde o momento que a gente tá fechando uma lembrancinha até o que a gente vai dar pra eles (*Branco*)

Percebo em seus discursos que a dimensão emocional em que estão imersos é de uma grandiosidade impar, revelando assim o ser-no-mundo-sendo voluntário, revelando que a emoção se refere a como se está no mundo em tal preciso momento. O sentido se revela como modo-de-ser:

Eu tenho uma dependência muito grande do voluntariado, eu não consigo parar [...]O lado mais gratificante é o retorno que a gente tem, a satisfação pessoal de estar melhorando a vida de uma pessoa, de estar fazendo a diferença na vida de uma pessoa (*Dra Babi*)

A afetividade/experiência humorada constitui-se na possibilidade do ser-aí deparar-se consigo mesmo, haja vista que, a emoção permite atribuir significatividade a tudo que é: ser voluntário é ir além de si mesmo, é perceber-se em um movimento de contínua dinamicidade, do querer-fazer mais por esse outro, ou como na maioria dos participantes, outros, uma vez que são várias as instituições onde desenvolvem o ato voluntário.

então ser voluntário acabou sendo, pra mim, doar o meu tempo. É você não só doar o seu tempo mas é você se doar de verdade pra alguma coisa, é você se dedicar e é você se inspirar e ser inspiração pra outras pessoas (*Dra Minnie*)

Há dessa forma, um alargamento da compreensão do que está sendo experienciado, bem como, a expansão da concepção de ser-voluntário. A partir do momento em que a concepção do voluntariado se expande, na fala, encontro o sentido do ato voluntário como parte de si, como forma de funcionamento mas antes disso, como possibilidade de ser-com.

se alguém para pra ligar pra uma empresa que pode doar, já tá se voluntariando. Se você não pode ajudar no dia, mas, você pode fazer uma doação você já tá se voluntariando, tem gente que sai, faz compras de todas as doações, manda pra gente, tá se voluntariando (*Margarina*)

Por já se encontrar no mundo e possuir uma forma de conhecimento sobre ele, Heidegger (2011) atribui o designativo de *compreensão*. O homem está no mundo e neste

encontra a possibilidade de projetar-se, conhecê-lo e realizar coisas. Ser-voluntário é, pelos discursos, empreender esforços no sentido de minimizar o sofrimento do outro; é projetar-se em ações que viabilizem o crescimento desse que está sendo o móvel da ação; é, principalmente, perceber esse outro com possibilidades. Considero, neste momento, que nesse estar-com-o-outro a compreensão e a afetividade são vivenciadas sob o viés da unicidade.

Único ente dotado de fala, único ente que pode exprimir o “eu sou”, o único a poder questionar-se, assim como elaborar questões acerca do mundo onde está lançado, ao homem, abre-se um horizonte de possibilidades, de vir-a-ser expresso através da existenciália *linguagem*. Para Heidegger (2012), a linguagem é a morada do ser, meio pelo qual exprime a compreensão do vivido, o entendimento. E, pela fala, os participantes expressam sua forma muito própria de compreender e vivenciar seu modo de ser sendo voluntários.

A fala se acha à base de toda interpretação e enunciado (HEIDEGGER, 2012), uma vez que os participantes revelam em seus discursos todos os sentidos carregados consigo sobre a experiência do voluntariado, trazem também outro aspecto que considero fundamental: através da emoção ao participarem das atividades relacionadas ao voluntariado, descobrem-se ser-no-mundo com os outros, o ser-com (HEIDEGGER, 2012).

A percepção de mundo muda. O mundo, para Heidegger (2012) está constituído por três aspectos: o *mundo circundante* caracterizado pelo relacionamento com o que chamamos ambiente, tudo o que concretamente se faz presente nas situações vivenciadas, vividas e a vivenciar e, ao homem cumpre adaptar-se a esse mundo. Como foi possível ver no discurso, m mundo circundante ganha novos aspectos voltados ao ser-voluntário.

Essa noção de mundo circundante vem a partir da sensibilização da realidade do outro, da compreensão propriamente dita, da realidade concreta do outro:

ela foi colocada ali, ela nasceu ali, e ela nunca aprendeu a sair, é a realidade dela, e eu queria, ainda não ta sendo possível isso, mas em algum momento o grupo vai poder transformar de verdade a vida das pessoas (Dra Babi)

O *mundo humano*, que diz respeito ao encontro e convivência com o outro (*ser-com*). E dentro do voluntariado, essa percepção do outro se faz de forma inevitável e ao mesmo tempo intensa, uma vez que, para o voluntariado sempre haverá um outro, o que talvez os voluntários não esperassem, é que esse outro mudasse suas percepções acerca de si mesmos. UM exemplo claro e quando *Solto* visualiza a importância de um pedido simples que ele mesmo considerou estranho, mas depois percebeu a dimensão

recebi um pedido estranho... "o senhor pode pedir, não tenha vergonha, não tenha medo, se eu não puder, se eu puder eu vou arrumar quem possa, aí ele "então eu queria um x salada" [...]faz bem sentido né, mas essa coisa de pedir pra garantir que você retorne.

E o *mundo próprio*, o seu ser-si-mesmo, na consciência de si e no autoconhecimento. O que pude ver quando a voluntária mostrou a própria mudança, a resignificação de si mesma e de como vê as coisas

De gênio, eu era explosiva, eu era egoísta, eu melhorei muito, evoluí muito como ser humano... Consegui... O voluntariado me ajuda ver que toda questão tem dois lados, pra nunca julgar sem analisar os dois lados da moeda (Dra Babi)

O mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros (HEIDEGGER, 2012), e desse modo compartilhar com outros a vivência do voluntariado, sejam esses, outros voluntários ou as pessoas beneficiadas pelas ações, faz com que a percepção de mundo ganhe novos significados:

chega dia das crianças eu não penso mais nas crianças da minha família [...] já é muito mais pros outros do que pra mim essas datas especiais entendeu (Colombina)

Ora, considerando que nesse mundo coexistem seres intramundanos, ressalta que muitas vezes voltamos para estes o nosso cuidado, o já-ser-junto, movimento que denomina *ocupação* (HEIDEGGER, 2012): ocupamos o nosso tempo, nos ocupando com as coisas, ou seja, tomando-as, agarrando-as, tornando-as familiares ao nosso mundo e assim, no cotidiano somos identificados com aquilo que fazemos.

E, nesse momento, dois modos de ser podem ser configurados: o primeiro, edificar-se a partir de suas ocupações; o segundo, imergir de tal forma no mundo das ocupações e dispersar-se. Na fala dos participantes percebi que o primeiro movimento está caracterizado como um dos fundamentos da e na ação voluntária, tendo em vista que não cuidam apenas do que é fácil, cômodo e seguro.

Pelo contrário, lutam, trazem para si a responsabilidade pelo outro, edificam, zelam, cuidam. Ao cuidado com o outro, Heidegger (2012) denomina *solicitude*. Sendo voluntários, ou não, a partir da *solicitude* já somos sempre com os outros. Esse cuidado se manifesta na expansão do trabalho voluntário.

Então é minha obrigação, hoje o grupo já é, já faz parte de mim, é o meu trabalho, trabalho voluntário é o meu trabalho, porque é a minha doação é a minha

inspiração diária, então eu não sei mais não ser grupo, entendeu? É meu, tomei pra mim. (Dra Minnie)

O trabalho voluntário é um chamado e vira parte de própria constituição enquanto pessoa. A concepção do voluntariado se expande e dessa forma se aproxima do conceito de cuidado.

O cuidado nos coloca desde sempre em comunhão e comunicação. Ao partilhar seu ser-no-mundo comigo, nós nos comunicamos e, dessa forma, ocorreu a linguagem. *Ser-com-o-outro* é interpelação, tendo em vista que, a essência da relação, vivenciada no ser-com-o-outro, é constituída por alguns aspectos: aproximar-me-do-outro, deixar-me interessar por ele, ser interpelado e interpelar, ser solicitado e solicitar, responder e corresponder.

Assim, meu relacionamento com o outro é cuidado que se faz solicitude.

eu acho que eu to sempre ali disposto a fazer qualquer coisa, sabe, vou tentar dar o meu máximo pra fazer aquilo, mesmo que eu não possa fazer, mas eu vou tentar. (Dr X-Salada)

O modo de ser da solicitude para Heidegger (2012) pode ocorrer sob dois aspectos: o primeiro, caracterizado como o saltar sobre o outro, designa retirar do outro a preocupação, colocando-o à parte e realizando por ele o que ele não pode realizar; e o segundo, o antepor-se ao outro, que remete o outro para sua responsabilidade e, ao mesmo tempo, ajuda-o a tornar-se transparente para si mesmo e livre para seu cuidado.

Remontando às concepções expressas nas falas, todos os participantes são unânimes em afirmar que buscam não suprir apenas por suprir, mas, que a ação desenvolvida em prol desse outro possibilite que o mesmo vá além da situação atual em que se encontra; que o resultado da ação não se efetive apenas sob a forma de agradecimento, mas que esse outro perceba que existem outros que estão a seu lado, que não está sozinho na facticidade que lhe veio ao encontro.

Ou seja, há em seus discursos, a solicitude sob a forma do amor, como ilustra Margarina:

por mais abandonado que a gente esteja, sempre tem alguém que olha pra gente, por mais simples que a gente faça, é melhor fazer [...] aquelas crianças talvez pensem que tem alguém olhando por elas, em algum canto vai ter alguém olhando pra elas.

Esse movimento de ir além de si mesmo e apreender o ser-no-mundo desse outro, objeto da ação voluntária, desvelando suas possibilidades, caracteriza a *compreensão*. A

compreensão, neste contexto, remete a um jogo interpretativo entre o voluntário e o outro, permitindo a este último perceber que mesmo vivenciando uma difícil situação, possibilidades existem. Assim, a *interpretação* vai além de uma explicação causal, vai ao encontro de seu temporalizar, ou seja de sua vivência do tempo.

Heidegger (2012) compreende o *Dasein* em sua temporalidade. Este constructo consiste na experienciação do tempo, vivência que mais próxima se encontra de nosso existir, que segundo o filósofo “*constitui o sentido originário do existir*” (p. 256).

Ora, existir significa abertura. Cuidar do outro é abrir-se ao seu poder-ser mais próprio, uma vez que, o cuidado para com as coisas, para com os outros e para consigo mesmo se reconduz, assim, ao cuidado com a existência. O sentido deste cuidado se constitui como *temporalidade*, pois, este será compreendido no ser-voluntário, e Heidegger (2012) diz que o ser só pode ser compreendido na perspectiva do tempo.

A dinâmica da temporalidade originária está articulada como estrutura em três *ekstases*: presente, passado e futuro. Existindo, nós existimos a partir da tarefa de vir a ser o que somos, ou seja, existimos a partir do cuidado com o nosso próprio porvir. E, ao assumir o cuidado com o porvir assumimos o que já fomos, um passado presente e que nos acompanha e nos precede.

E, a partir do que poderá ser e do que ocorreu, se dá o cuidado com o presente, com o aqui e agora. Dessa forma, o cuidado com a temporalidade é um *cuidado com a historicidade da existência*.

eu me vejo futuramente gastando metade, um turno meu fazendo tratamento,
fazendo palestra em instituição de saúde, fazendo qualquer coisa relacionada a
minha profissão pro voluntariado (Dra Chocolate)

Como esta temporalidade está expressa nas falas dos participantes? No momento em que se reportam ao início de seu envolvimento com o voluntariado. Ali, no instante em que se falavam sobre esse fato – o início – presentificavam o passado e, ao mesmo tempo, teciam proposituras em relação ao futuro, tanto relacionadas às suas próprias vivências quanto às vivências do outro, objeto da ação voluntária, uma vez que, no cuidado extenso ao outro compreendem sua história, sua trajetória de vida e, assim, no ato de cuidar os percebem como seres de possibilidade, ou seja, na ação presente, tem-se a compreensão do passado e o vislumbre do porvir.

Para Heidegger (2012), o tempo é o de onde a presença em geral compreende e interpreta o ser. É na perspectiva da temporalidade - temporalizando - que os participantes apropriam-se da questão do ser-voluntário.

É portanto a partir do sentido de ser mais próprio que caracteriza o próprio questionar como questionamento histórico que a elaboração da questão do ser deve encontrar a orientação para indagar acerca de sua história, isto é, de determinar-se por fatos históricos. Pois, somente apropriando-se positivamente do passado é que ela pode entrar na posse integral das possibilidades mais próprias de seu questionamento (HEIDEGGER, 2012). Quando os participantes me mostram a temporalidade em suas falas, posso observar a apropriação positiva do que passou para então se lançar ao que vem sem amarras de não poder ser:

meu objetivo talvez no futuro seja tirar o meu sustento do *grupo*, eu quero muito que um dia isso aconteça, quero muito, ter a minha profissão exercendo e ganhando e sustentando minha família por meio do *grupo* (Dra Babi)

A noção de pertencimento, e de apropriação do grupo, aparece em quase unanimidade nos discursos dos participantes. De certo modo é uma condição de ser-com. E não diz respeito apenas ao ser-com-no-voluntariado, mas antes disso. Um modo de ser-com os outros voluntários. Ao me mostrar a trajetória das atividades em hospitais, *Dra Minnie* demonstra orgulho e satisfação pelo que alcançou com ajuda de outros.

hoje a gente está com 4 hospitais, e todo sábado a gente tem atividade nos hospitais, é muito legal quando eu paro assim pra pensar e falo “caramba, como eu peguei o hospital e como ta o hospital hoje”, se eu tivesse sozinha é claro que não teria conseguido

O exercer voluntário requer um questionamento constante. Mas como questionar o ser-voluntário? Heidegger (2012) diz que o ser pode não ser concebido mas não é inteiramente incompreendido. É no fazer que o voluntário consegue aprimorar suas ações, seus pensamentos e suas significações, ainda que não alcance a compreensão total.

100 crianças eu fiz 99 ficarem felizes... [...] Tem alguma coisa que eu posso fazer pra mudar, o que podemos fazer? Será que depende de mim? Será que depende de eu buscar ajuda? No quê eu não estou 100%? Eu sei que alguma coisa é falha. A gente vem crescendo e a gente e vem vendo algumas falhas que tínhamos e que nunca nos atentamos, então começa essa busca pelo 100% (Solto)

O ser-voluntário é um ser-no-mundo, uma vez que somos frutos do cuidado e da disponibilidade que o outro tem conosco e que temos para com o outro. O voluntário no seu exercer se depara com enfrentamentos pessoais e relacionais.

Os voluntários entrevistados exercem seus papéis de cuidadores dentro de circunstâncias incertas, tais quais, desfalque de pessoal ou de capital, a dificuldade em abarcar toda a demanda e a logística para a realização das ações. Entretanto, no Ser-voluntário muitas vezes os maiores enfrentamentos vêm ao lidar com as dificuldades pessoais e emocionais.

eu fiquei um pouco assustado, não sabia o que fazer e isso deixa a gente um pouco mal mesmo, a gente tenta levar um pouco de alegria... Às vezes a gente não consegue (Dr. X salada)

Lidar com o outro é mergulhar na imensidão do ser que é o outro. E antes de tudo ir de encontro com nosso ser-no-mundo. Dada a condição de ser-com, toda e qualquer relação se constitui antes de tudo a partir do ser-no-mundo. Heidegger (2012) ao afirmar que o outro não é todo o resto, mas antes, é aquilo que se está, possibilita visualizar a relação dentro do voluntariado.

O voluntário não tem como não ser-com, porque antes de tudo estar com o outro não possui o caráter ontológico de ser simplesmente dado "em conjunto" dentro de um mundo. O "com" é determinação da presença. É o que determina a existência de um ser constituído também pela vivência com o outro. A própria presença só é possuindo a estrutura essencial do ser-com enquanto copresença que vem ao encontro de outros (HEIDEGGER, 2012).

A ação voluntária possibilita o encontro com o outro. Esse outro concretiza a copresença que se faz essencial para o ser-com. Ora, se para Heidegger (2012) o ser-com tem em sua condição essencial o ser-no-mundo, é nesse encontro com o outro, e no executar das suas ações voluntárias e cuidado, que o voluntário vislumbra de novos modos de ser-no-mundo.

No encontro com o outro, o voluntário encara o encontro com si mesmo, com as indiossincrasias, particularidades e frente às dificuldades, se depara também com as próprias estratégias de enfrentamento. É a partir do outro que o voluntário volta para si mesmo e encontra meios de exercer seu cuidado.

você não conscientiza alguém, você sensibiliza para que a pessoa se conscientize que aquilo é importante, que ela tem que ir, que a outra pessoa conta com ela. Mas é muito difícil, é muito difícil (Dra Babi)

O cuidado passa então tomar outro sentido: a noção de grupalidade, o conjunto, a qual, põe o voluntário de frente com questões muito próprias, como a participação, o comprometimento, o compartilhamento do cuidado e da responsabilidade. Mas também, com o abandono, o descomprometimento, a incerteza.

O voluntário é lançado ao mundo como sendo-voluntário a partir do momento da escolha em exercer o voluntariado, e com essa escolha, é lançado também na possibilidade de não ter a presença do outro ali.

você percebe que até aqueles que você confiava muito em algum momento não vão mais querer fazer [...] Então é uma rede que ao mesmo tempo que ela cresce, ela diminui o teu grupo de confiança (Dra Minnie)

"No voluntariado não existe como você cobrar a participação da pessoa." Dra Babi.
Como lidar ao se deparar com esse tipo de realidade? Para Heidegger (2012), o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros. E se é compartilhado, o voluntário está sujeito ao outro não estar mais disponível.

No entanto, ser-no-mundo-sendo-voluntário é encarar o outro e estar diante da possibilidade de esse outro estar disponível sim. A disponibilidade se mostra como um modo de cuidado.

E esse cuidado ser parte da preocupação, que para Heidegger (2012) consiste em dois aspectos extremos: a preocupação que retira o cuidado do outro e toma-lhe o lugar nas ocupações, gerando em larga escala, dependência e dominação; e a preocupação que vem não como um substituto do outro, mas algo que antecipa-se a esse outro, gerando assim, a possibilidade de não só retirar-lhe o cuidado, mas devolvê-lo, e esse modo de preocupação em sua essência diz respeito à cura.

O voluntariado é repleto de sentidos acerca do cuidado, mas, é importante ressaltar que a partir dos discursos, o modo de pre-ocupação percebido foi o que se antepõe ao outro, o modo que diz respeito à cura. Heidegger (2012) ainda pontua que se o ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo, ele deve poder ser interpretado pelo fenômeno da cura. Dessa forma, posso concluir que ser-com no voluntariado é o cuidado, o cuidado que se preocupa e que cura, e a cura é a essência da existência.

Para participar do voluntariado basta ter vontade, mas esse basta não é simples. É preciso doação de si, e para que essa doação aconteça, a pessoa deve estar em abertura para esse novo mundo de possibilidades. Um mundo que vem repleto de novas significações, por isso, de certo modo, o voluntariado precisa ser um chamado.

Eu acho que voluntariado é muito pessoal, então se você não tem essa chama de voluntariado, você não vai ficar em lugar nenhum. Se você não quer ajudar o outro de fato, de coração, você não vai ajudar o outro, você não vai conseguir ficar (Dra Minnie)

A ação voluntária expressa um chamado por um mundo melhor. E o ser-voluntário se concretiza em um ser de possibilidades: "*eu posso dizer que hoje quem participa de qualquer trabalho voluntário que seja tem direito de dizer "eu quero um mundo melhor"*" (Margarina).

Essa noção de mundo melhor pode ser entendida como a própria participação no mundo ao redor. A própria percepção de ser-no-mundo-sendo-voluntário. E é no sendo-voluntário que podemos ver o cuidado expresso.

Você pode dizer que sou um sonhador. Mas não sou o único.

John Lennon

CONSIDERAÇÕES FINAIS

INSERIR O MÉTODO FENOMENOLOGICO E COMO FOI PARA MIM UTILIZÁ-LO NESTA PESQUISA

Com base na literatura que encontrei para construção da discussão teórica e bibliográfica a respeito do cuidado e do voluntariado, tive como principal intenção, buscar a compreensão do fenômeno do cuidar no ato voluntário, mas também pretendi e ainda pretendo contribuir academicamente para outros estudos.

Esta pesquisa não tem a pretensão de esgotar a temática do voluntariado, mas sim estimular ainda mais a compreensão do cuidado e da prática voluntária. Devido às fontes literárias sobre voluntariado, em sua maioria, vincularem o trabalho voluntário a organizações e instituições de saúde, mas não se aterem à essência do ato voluntário, o presente estudo se apresenta como potencial contribuinte de futuras pesquisas para o fenômeno do cuidar, tão discutido na Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Foi um estudo fenomenológico justamente com a intenção de aproximação de uma vivência. Desse modo, abrir oportunidades para novos desvelamentos do fenômeno do cuidado dentro do voluntariado. E do cuidado que Heidegger tanto fala.

E exatamente por ter bebido destas fontes que adentrei à pesquisa com a expectativa de encontrar resultados e discursos que vinculassem o ato voluntário com um ganho voltado à experiência profissional, ou para adentrar mercado de trabalho ou status e boas relações curriculares. Ledo engano.

As minhas expectativas quanto às respostas foram quebradas na primeira entrevista. a frase "não tem preço" tão repetida por todos, já de início me respondeu à curiosidade e indagação que tinha antes de pensar na presente pesquisa.

A intencionalidade desse estudo veio devido à minha vontade de mostrar através de um viés acadêmico, o mais humano que o homem pode ter. Ainda que imerso no capitalismo. E a escolha do método fenomenológico, foi com a pretensão de quebrar expectativas, pois, não há como definir a forma que cada um lida com um fenômeno, somente a partir da temporalidade e do momento em que a pessoa se encontra.

Foi ao me deparar com os voluntários que percebi que foi a afetividade que se destacou. O cuidado propriamente dito. A disponibilidade. O cuidado se mostrou presente em todas as falas e declarações de vivências do voluntariado. O afeto, o estar com o outro e a emoção tomaram conta de absolutamente todos os espaços.

Realizar uma pesquisa olhando para o voluntário dentro dos significados e sentidos atribuídos ao seu fazer, foi um desafio por não haver estudo semelhante. Eu foquei no cuidar. Ainda que tenha tido expectativas pontuais - que não foram atendidas - também adentrei com o foco no cuidado.

E dentre todos os possíveis ganhos que antes havia imaginado, o que prevaleceu foi de fato o de estar fazendo a diferença na vida de alguém. Ser-com-o-outro. E isso não tem preço, nem pra eles, nem pra mim.

Talvez a maior contribuição do presente estudo seja essa, a incompletude do fenômeno, mas também, tomo como aprendizado o que a fenomenologia prega: a impossibilidade de questionar o ser diretamente, pois, este, está em constante re-significação de si mesmo.

Espero conseguir contribuir e inspirar novos estudos ao lado mais essencial de nós enquanto seres: a relação, o vínculo, o cuidado. Terminei e talvez seja pretensão falar que terminei este estudo, mas encerro com a bela missão de continuar estudando e pesquisando o cuidar e o cuidado, na perspectiva da fenomenologia, considerando os diferentes modos de ser-no-mundo.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M.M Pesquisa Fenomenológica em Psicologia In: BRUNS, M.A.T e FERNANDES, M. A.. DO CUIDADO DA FENOMENOLOGIA A FENOMENOLOGIA DO CUIDADO. IN: PEIXOTO. A. J.; HOLANDA, A. F. *A Fenomenologia Do Cuidado E Do Cuidar: Perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá. 2011.

BOEMER, M. R. . A Fenomenologia do Cuidar - uma perspectiva de enfermagem. In: Adão José Peixoto; Adriano Furtado Holanda. (Org.). *Fenomenologia do Cuidado e do Cuidar - perspectivas multidisciplinares*. Curitiba: Juruá, 2011, v. 1, p. 61-66.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra* / Leonardo Boff. 20. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

CALDANA, Adriana Cristina Ferreira; FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro. *O Voluntariado Em Questão: A Subjetividade Permitida*. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 28, n. 3, p. 466-479, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000300003&lng=en&nrm=iso. access on 09 June 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932008000300003>.

CASTRO, E. H. B. *A experiência do diagnóstico: o significado no discurso de mães de crianças com câncer à luz da filosofia de Martin Heidegger*. Tese (Doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Ribeirão Preto, 2009.

CORREIA, Maria Valéria da Costa. *A relação Estado/sociedade e o controle social: fundamentos para o debate*. *Serviço Social & Sociedade*. São Paulo, ano 25, n. 77, p. 148-175, mar. 2004.

DUPAS, Gilberto. *Tensões contemporâneas entre o público e o privado*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERNANDES, Elizabeth Alves. *Bioética e direitos humanos: a proteção da dignidade da pessoa humana na era da genética*. 2009. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-07072010-150239/>>. Acesso em: 2015-06-10.

FERREIRA, Marisa; PROENCA, Teresa; PROENCA, João F.. *As motivações no trabalho voluntário*. *Rev. Portuguesa e Brasileira de Gestão*, Lisboa, v. 7, n. 3, jul. 2008. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-44642008000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 abr. 2014.

HEIDEGGER, Martin, 1889-1976. *Ser e Tempo* / Martin Heidegger ; tradução e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback ; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 6.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes ; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012

HUDSON, Mike. *Administrando Organizações do Terceiro Setor*. São Paulo. Makron Books, 1999.

HOLANDA, A.F *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica: Reflexões e Perspectivas* – São Paulo: Ômega Editora, 2001

JOSGRILBERG, R. S. *A Fenomenologia como paradigma de uma ciência do existir. In: Danuta Dawidowicz Pokladec. (Org.). A Fenomenologia do cuidar. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda, 2004, v. , p. 31-51*

KISNERMAN, Natálio. *Introdução ao trabalho social. São Paulo. Editora Moraes, 1983.*

LANDIM, Leilah e SCALON, Maria Celi. *Doações e trabalho voluntário no Brasil - uma pesquisa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000*

LAPORTE, A.M.A.; VOLPE, N.V. *Existencialismo .6.tiragem – Curitiba : Juruá, 2009.*

MARTINS J. *Um enfoque fenomenológico do currículo: a educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.*

MARTINS J., BICUDO M.A. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 2005.*

MESTRINER, Maria Luiza. *O Estado entre a Filantropia e Assistência Social. São Paulo: Cortez, 4. ed. 2011*

MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social. / Carlos Montaña. - 6. ed. - São Paulo : Cortez, 2010.*

MORATO, H. T. P. *Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.). (Org.). Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica. 1ed. Rio de Janeiro: Editora: Juruá Editora Ltda, 2013, v. , p. 51-76.*

MOREIRA, Virginia. *O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 17, n. 3, 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300016&lng=en&nrm=iso>. acessado em abril 2014.*

ONU. Organização das Nações Unidas; Programa de Voluntariado. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/unv.aspx>>; Acesso em Março/2015

PESSINI, Leo. *Bioética Na América Latina: Algumas Questões Desafiantes Para O Presente E Futuro* – - Centro Universitário São Camilo - 2008;2(1) Rev. BIOETHIKOS - JAN/JUN - Nº 1 pág. 42-49

SADALA, Maria Lúcia Araújo. Fenomenologia como instrumento para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: *Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem, 2001, BELÉM - PARÁ. ANAIS DO 11º SEMP. BELÉM - PARÁ: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 2001.*

SELLI ,Lucilda. *Bioética, solidariedad y voluntariado: posibilidad de intervención en La sociedad. Revista Bioética, Vol. 13, No 1. Septiembre-Diciembre 2003. ENERO - ABRIL*

2004, AÑOS 7 y 8 Nos. 20 - 21. Disponível em: <http://personaybioetica.unisabana.edu.co/index.php/personaybioetica/article/view/888>

SILVA, Ademir Alves da. *As relações Estado-sociedade e as formas de regulação social*. In: *CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL; ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*. Capacitação em serviço social e política social: módulo 2: reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: Ed. da UnB, Centro de Educação Aberta, Continuada a Distância, 2000. p. 56-72.

SIQUEIRA, Jose Eduardo de. *A Arte Perdida De Cuidar*. Bioética 2002 - vol. 10 Nº 2
SOUZA, Francislene de Camargo. *A Natureza Jurídica Do Auxílio Financeiro Pago Ao Prestador De Serviço Voluntário*. 2012. Dissertação (Mestrado em Direito do Trabalho) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2138/tde-18032013-140310/>>. Acesso em: 2015-06-04

VALLE, E. R. M. (1997). *Um estudo das pesquisas psicológicas na abordagem fenomenológica sobre o câncer infantil*. In: E. R. M. Valle (org.). *Câncer infantil: compreender e agir*. (pp. 73-112). Campinas: Psy

VALLE, E. R. M e VENDRUSCOLO, J. *A família da criança com câncer diante do diagnóstico da doença. Encontros iniciais com a psicóloga*. *Pediatria Moderna* v. XXXII, n.7 – São Paulo, 736:51, dez., 1996

WALDOW, Vera R. *Definições de Cuidar*. *Revista Gaucha Enfermagem*, PORTO ALEGRE, v 19, nl, p 20-32, jan 1998.

ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
(PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA)
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos para participar do Projeto de Pesquisa “*Ser-Com no Voluntariado: O Cuidar na perspectiva da Fenomenologia Existencial*” visando construir coletivamente um entendimento sobre os sentidos envolvidos ato voluntário, bem como, as significações de cuidado; venho muito respeitosamente pedir sua colaboração nesta pesquisa onde, o objetivo central é compreender a vivência do cuidar no voluntariado, a partir da perspectiva da Psicologia Fenomenológico-Existencial. Acredita-se que talvez o maior benefício desta pesquisa seja a compreensão do cuidar, a doação de si a outrem e os ganhos simbólicos envolvidos, desprovidos de retorno material, e conseqüente contribuição acadêmica para a literatura científica acerca da temática. O procedimento adotado será entrevista compreensiva a partir de questão norteadora que poderá no decorrer da mesma apresentar desdobramentos. Ressaltando que a coleta de dados será feita através de um gravador digital, sendo que estas permanecerão confidenciais, não sendo divulgados de forma a declarar a sua identidade. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins deste estudo.

Sua participação neste estudo é voluntária. Na eventualidade da participação nesta pesquisa lhe causar qualquer tipo de dano, os pesquisadores disponibilizarão acompanhamento psicológico. Será possível retirar-se a qualquer momento, não havendo qualquer tipo de prejuízo a sua pessoa. Serão esclarecidas eventuais dúvidas, no que diz respeito ao estudo, entrando em contato com a pesquisadora Bárbara Rebouças Alencar ou com o pesquisador Ewerton Helder Bentes de Castro pelo endereço: Rua General Rodrigo Otávio, nº 300 (UFAM) ou pelo telefone: 33054550 ou ainda pelo e-mail: ewertonhelder@gmail.com / barb.alencar@hotmail.com

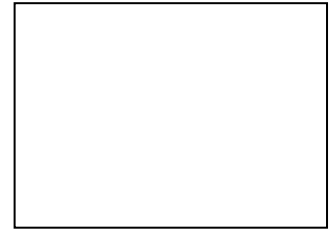
Fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Portanto, concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso me retirar quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, comprometendo-me de guardá-la.

Assinatura do participante

___/___/___
Data

Pesquisadora Responsável

___/___/___
Data



Impressão Dactiloscópica

ANEXO B - PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

DA: Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

Docente do Programa de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da
Universidade Federal do Amazonas

AO: Thiago Gonçalves Lara Souto

Diretor e Fundador do SALAADA SOLIDÁRIO

ASSUNTO: Solicitação

Prezado Senhor,

Cumprimentando inicialmente V.Sa., vimos solicitar sua autorização para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado **SER-COM NO VOLUNTARIADO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL** de autoria da mestrande Bárbara Rebouças Alencar, por mim orientada para ser efetivada junto aos integrantes do SALAADA SOLIDÁRIO.

Certo do atendimento desta solicitação por parte de V.Sa., colocamo-nos à disposição para dirimir quaisquer dúvidas que se fizerem necessárias. Lembramos ainda que o Termo de Anuência ou Autorização deverá ser redigido em papel timbrado da instituição e assinado e carimbado por V.Sa., para que possamos inserir o Projeto em epígrafe na Plataforma Brasil do Conselho Nacional de Pesquisa.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

Orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

DA: Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

Docente do Programa de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da
Universidade Federal do Amazonas

AO: Mariana Leite

Diretora e Fundadora do PROJETO TCHIBUM

ASSUNTO: Solicitação

Prezada Senhora,

Cumprimentando inicialmente V.Sa., vimos solicitar sua autorização para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado **SER-COM NO VOLUNTARIADO: UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL** de autoria da mestranda Bárbara Rebouças Alencar, por mim orientada para ser efetivada junto aos integrantes do PROJETO TCHIBUM. Certo do atendimento desta solicitação por parte de V.Sa., colocamo-nos à disposição para dirimir quaisquer dúvidas que se fizerem necessárias. Lembramos ainda que o Termo de Anuência ou Autorização deverá ser redigido em papel timbrado da instituição e assinado e carimbado por V.Sa., para que possamos inserir o Projeto em epígrafe na Plataforma Brasil do Conselho Nacional de Pesquisa.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

Orientador

ANEXO III - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

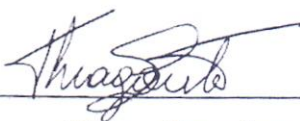
AO: Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

ASSUNTO: Autorização de Pesquisa

Aos devidos fins,

Cumprimentando inicialmente V.Sa., Eu, **Thiago Gonçalves Lara Souto**, venho por meio deste documento declarar a autorização para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado **SER-COM NO VOLUNTARIADO: O CUIDAR NA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL** de autoria da mestranda **Bárbara Rebouças Alencar**, para ser efetivada junto aos integrantes do grupo **SALAADA SOLIDÁRIO**.

Atenciosamente,



Thiago Gonçalves Lara Souto

Diretor e Fundador do SALAADA SOLIDÁRIO



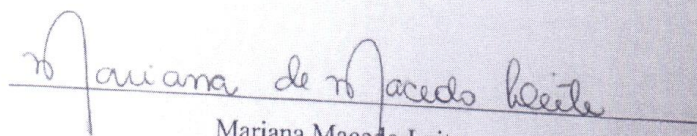
AO: Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes de Castro

ASSUNTO: Autorização de Pesquisa

Aos devidos fins,

Cumprimentando inicialmente V.Sa., Eu, **Mariana Macedo Leite**, venho por meio deste documento declarar a autorização para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado **SER-COM NO VOLUNTARIADO: O CUIDAR NA PERSPECTIVA DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL** de autoria da mestranda **Bárbara Rebouças Alencar**, para ser efetivada junto aos integrantes do grupo **PROJETO TCHIBUM**.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink that reads 'Mariana de Macedo Leite'. The signature is written in a cursive style and is positioned above a horizontal line.

Mariana Macedo Leite
Diretora e Fundadora do PROJETO TCHIBUM